

FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

LUCIARA GERVASIO ITAQUI

**AS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO COMPLEXO  
À PSICOLOGIA SOCIAL E AOS PEQUENOS GRUPOS**

Porto Alegre  
2013

LUCIARA GERVASIO ITAQUI

**AS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO COMPLEXO  
À PSICOLOGIA SOCIAL E AOS PEQUENOS GRUPOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção parcial do título de Mestre em Psicologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Mary Sandra Carlotto

Porto Alegre

2013

LUCIARA GERVASIO ITAQUI

**AS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO COMPLEXO  
À PSICOLOGIA SOCIAL E AOS PEQUENOS GRUPOS**

COMISSÃO EXAMINADORA:

**PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. MARY SANDRA CARLOTTO**

PRESIDENTE

**PROF. DR. GILSON LUIZ DE OLIVEIRA LIMA**

Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

**PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. ALINE REIS CALVO HERNANDEZ**

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS)

Porto Alegre,

Dezembro de 2013

*“Caminhante, são teus rastos  
o caminho, e nada mais;  
caminhante, não há caminho,  
faz-se caminho ao andar.  
Ao andar faz-se o caminho,  
e ao olhar-se para trás  
vê-se a senda que jamais  
se há-de voltar a pisar.  
Caminhante, não há caminho,  
somente sulcos no mar”.*

António Machado

## AGRADECIMENTOS

Escrever essa dissertação de mestrado foi ao mesmo tempo a concretização de um projeto de vida e a realização de um sonho. No entanto, essa dissertação só se tornou possível graças a algumas pessoas que participaram, direta ou indiretamente, mesmo, muitas vezes, sem saber exatamente o que é e porque me envolvi nesse desafio. É exatamente a essas pessoas que eu gostaria de agradecer.

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais Argemiro Machado Itaquí e Marialva Gervasio Itaquí pelo esforço e dedicação empreendidos desde sempre em minha educação, pelos valores transmitidos e pelo amor incondicional.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul pela concessão da bolsa PRÓBOLSA e aos professores do Programa de Pós Graduação em Psicologia pelos ensinamentos que possibilitaram a construção dessa dissertação.

Ao meu “namorado” Antonio Bolis de Oliveira Neto pelo apoio, incentivo, suporte e paciência em todos os momentos, mas, principalmente, nos de irritabilidade e cansaço.

À minha melhor amiga Vânia Fátima Campos pela disponibilidade de escutar-me e apoiar-me em todos os momentos e por fazer-me rir nos momentos mais difíceis para aliviar a tensão.

Ao prof. Dr. Nedio Seminotti pelas orientações em meu primeiro ano de mestrado.

À professora Dra Mary Sandra Carlotto, um agradecimento especial, pelas orientações, empenho, agilidade e pelo bom humor que contagia e fez com que meu percurso fosse mais agradável. Agradeço, também, ao grupo de Pesquisa de Psicologia da Saúde Ocupacional da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul pela generosa acolhida.

À professora Dra Aline Hernandez pelo aceite à minha banca de qualificação, bem como por suas contribuições a essa dissertação.

## RESUMO

Essa dissertação é composta por dois artigos que visam compreender as contribuições do Pensamento Complexo à construção do conhecimento em Psicologia Social, bem como suas reverberações na compreensão da microssociedade pequeno grupo. O primeiro, “O desenvolvimento do Pensamento Complexo e suas contribuições para a construção do conhecimento em Psicologia Social” teve como objetivo compreender o desenvolvimento do Pensamento Complexo e suas consequentes contribuições para a construção do conhecimento em Psicologia Social. O segundo artigo, “As contribuições do Pensamento Complexo para a Psicologia Social e o entendimento dos pequenos grupos: uma revisão integrativa” teve como objetivo compreender que contribuições do Pensamento Complexo estão presentes nos artigos pesquisados em bases de dados sobre pequenos grupos. No primeiro artigo, discutimos, a partir de autores da Filosofia e da Complexidade, como a ideia da complexidade surgiu, de maneira esparsa, no cenário científico com o objetivo de compreender que contribuições de outras disciplinas foram importantes no desenvolvimento do Pensamento Complexo e que contribuições disso emergem para a Psicologia Social. A partir de conceitos como: não-linearidade, não-causalidade, não-objetividade propomos um repensar acerca da Psicologia Social. No segundo artigo, a partir de uma revisão integrativa de artigos pesquisados em bases de dados, propomos a compreensão das contribuições do Pensamento Complexo para a Psicologia Social e para o entendimento da microssociedade pequeno grupo a partir dos sete princípios norteadores propostos por Morin. O Pensamento Complexo permite que, ao mesmo tempo, separe-se e associe-se, que se concebam os níveis de emergência da realidade sem reduzi-la às unidades elementares e às leis gerais. Dessa forma, o entendimento sobre o pequeno grupo é complexificado, na medida em que ele é visto como um sistema complexo de unidades em relação, no qual o a soma das partes pode ser maior ou menor que o todo e no qual são possíveis os fenômenos emergentes.

**Palavras-Chaves:** Psicologia Social, Pensamento Complexo, pequenos grupos

**Área conforme classificação CNPq:** 7.07.00.00-1 - Psicologia

**Subárea conforme classificação CNPq:** 7.07.05.00-3 – Psicologia Social

## ABSTRACT

This dissertation consists of two articles that seek to understand the contributions of Complex Thinking and small groups (microsocieties) to the construction of knowledge in Social Psychology. The first article, "The Development of Complex Thinking and its Contributions to the Construction of Knowledge in Social Psychology" aimed to understand the development of Complex Thinking and its consequent contributions to the construction of knowledge in Social Psychology. The second one, "The Contributions of Complex Thinking for Social Psychology and the Understanding of Small Groups: an Integrative Review" aimed to understand what contributions of Complex Thinking are present in the articles on small groups searched in different databases. In the first article we discussed, based on authors of Philosophy and Complexity, how the idea of complexity arose in the scientific scenario aiming to understand what contributions from other disciplines were important in the development of Complex Thinking and what contributions may be used in Social Psychology. From concepts such as non-linearity, non-causality and non-objectivity we propose a rethinking about Social Psychology. In the second article, from an integrative review of the articles searched in different databases, we propose to understand the contributions of Complex Thinking to Social Psychology and to the understanding of small groups (microsocieties) through the seven guiding principles proposed by Morin. Complex Thinking allows, at the same time, to conceive emergency levels of reality without reducing it to basic units and general laws. In this way, the understanding of small group is not an easy task, since it is seen as a complex system of units in relationship in which the sum of the parts can be bigger or smaller than the whole and in which emerging phenomena are possible.

**Keywords:** Social Psychology, Complex Thinking, Small Groups

**CNPq classification area:** 7.07.00.00-1 – Psychology

**CNPq classification sub-area:** 7.07.05.00-3 – Social Psychology

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>8</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>11</b> |
| <b>ARTIGO I: O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO COMPLEXO E SUAS<br/>CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM<br/>PSICOLOGIA SOCIAL .....</b>            | <b>13</b> |
| INTRODUÇÃO .....   | 15        |
| A CONCEPÇÃO DE CIÊNCIA PARA OS GREGOS .....  | 16        |
| A CONCEPÇÃO DE CIÊNCIA NA IDADE MÉDIA .....  | 19        |
| A CONCEPÇÃO DE CIÊNCIA NA MODERNIDADE .....  | 19        |
| A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM PSICOLOGIA SOCIAL .....  | 25        |
| O PENSAMENTO COMPLEXO E SUAS CONTRIBUIÇÕES À PSICOLOGIA SOCIAL<br>.....  | 34        |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....   | 40        |
| REFERÊNCIAS.....   | 41        |
| <b>ARTIGO II: AS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO COMPLEXO PARA A<br/>PSICOLOGIA SOCIAL E O ENTENDIMENTO DOS PEQUENOS GRUPOS: UMA<br/>REVISÃO INTEGRATIVA .....</b> | <b>44</b> |
| INTRODUÇÃO .....   | 46        |
| OS PEQUENOS GRUPOS E A PSICOLOGIA SOCIAL .....   | 46        |
| DETERMINISMO, SISTEMA, CIRCULARIDADE E COMPLEXIDADE.....   | 47        |
| RUMO AO PENSAMENTO COMPLEXO.....   | 48        |
| OS PEQUENOS GRUPOS E O PENSAMENTO COMPLEXO .....   | 51        |
| CAMINHO METODOLÓGICO .....   | 54        |
| RESULTADOS .....   | 55        |
| <b>FIGURA 1. FLUXOGRAMA DO PROCESSO DE SELEÇÃO E<br/>COMPREENSÃO/ANÁLISE.....</b>  | <b>55</b> |
| <b>QUADRO 1. ARTIGOS INCLUÍDOS .....</b>   | <b>56</b> |
| DISCUSSÃO .....  | 61        |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....   | 65        |
| REFERÊNCIAS.....   | 66        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>69</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>71</b> |
| <b>ANEXO.....</b>  | <b>72</b> |
| APROVAÇÃO PELA COMISSÃO CIENTÍFICA.....  | 73        |

## INTRODUÇÃO

Consideremos que o universo tem 7 bilhões de anos, a Terra, 5 bilhões de anos, a vida, 2 bilhões e meio de anos, os vertebrados, 600 milhões, os répteis, 300 milhões, os mamíferos 200 milhões, os antropoides, 10 milhões e os hominídeos 4 milhões de anos. O *homo sapiens* tem de 100 mil a 50 mil anos, a organização de Cidade e Estado tem 10 mil anos, a Filosofia 2.500 anos. E a ciência do homem? ZERO (Morin, 1975).

O termo ciência vem do latim, *scientia*, de *sciens*, conhecimento, sabedoria. É um corpo de doutrina, organizado metodicamente, que constitui uma área do saber e é relativo a determinado objeto. Assim, o que caracteriza cada ciência é seu objeto formal, ou seja, a coisa observada, porém o desdobramento dos objetos do saber científico caminhou progressivamente para a especialização das ciências. Para Morin (1986), o saber científico necessita de objetividade, na busca de verdade e também deve possuir método próprio, responsável pelo cumprimento de um plano para a observação e verificação de qualquer matéria.

Entretanto, esse caráter objetivo da ciência, que corresponde aos dados e às variáveis coletados traz consigo uma gama irrestrita de pensamentos, teorias e paradigmas que nos remete para a reflexão bioantropológica do conhecimento, bem como para a reflexão das teorias nos aspectos culturais, sociais e históricos. Não se pode perder de vista que o cientista que investiga as ciências é um ser humano falível e é preciso que as ciências se questionem acerca de suas estruturas ideológicas.

O problema do conhecimento é um desafio porque só podemos conhecer, como dizia Pascal, as partes se conhecermos o todo em que se situam, e só podemos conhecer o todo se conhecermos as partes que o compõem. O princípio de separação torna-nos talvez mais lúcidos sobre uma pequena parte separada do seu contexto, mas nos torna cegos ou míopes sobre a relação entre a parte e o seu contexto.

Desde a Antiguidade o pensamento científico foi bastante influenciado por uma visão linear de causa e efeito. Embora tenha passado por distintos paradigmas ao longo da história, a explicação da realidade geralmente acontece em termos de regras e leis gerais (Grzybowski, 2005).

A ciência moderna percebe o homem e seu mundo de uma forma mecânica e utiliza a metáfora do relógio para a descrição deste mundo (Capra, 1982). Segundo Price (1976), toda a ciência construída após Descartes acredita em um mundo cujos fenômenos são de ordem absolutamente mecânica e de relações mecânicas entre o ser humano e a natureza que o cerca, sendo que tais relações podem ser explicadas a partir da física mecânica proposta por Newton.

A partir de Descartes é inaugurada a separação entre conhecimento e contexto e isso, segundo Hernandez e Santos (2011), é parte do caminho que criou a modernidade e sua Psicologia específica. A ciência moderna apoia-se, portanto, na ideia de uma realidade externa ao sujeito do conhecimento constituída fundamentalmente de regularidades, regida por leis matemáticas independentes do sujeito do conhecimento. Para a configuração de tais leis, a ciência desenvolveu um método que se apoia na redução da complexidade, segundo Morin (1995).

A Psicologia, de acordo com Gergen (2008), é usualmente definida como uma ciência do comportamento humano e a Psicologia Social como um ramo dessa ciência que lida com a interação humana. Um dos maiores propósitos da ciência, como já mencionamos, é o estabelecimento de leis gerais por meio da observação sistemática. Para o psicólogo social, não é diferente, pois segundo o autor, tais leis gerais são desenvolvidas a fim de descrever e explicar a interação social.

Historicamente, para Krüger (1986) os grupos e microgrupos tem sido o objeto de estudo da Psicologia Social, primeiramente com o intuito de adaptação dos indivíduos para um determinado fim. No entanto, no campo da pesquisa, de um modo geral, muitos

questionamentos e reflexões acerca dos fundamentos da ciência clássica têm surgido do próprio desenvolvimento da pesquisa em diversas áreas do conhecimento.

As recentes descobertas nos campos da física, biologia, cibernética, química e ciências sociais estariam mostrando os limites heurísticos do modelo de investigação empírica baseado, em grande parte, na decomposição e manipulação dos objetos em partes quantificáveis e elementares. Essas descobertas têm possibilitado questionamentos e relativizações com relação aos principais conceitos decorrentes das visões de mundo propostas por Descartes e Newton nos séculos XVI e XVII (Capra, 1982; Santos, 1989).

Em Psicologia Social, Munné (2004) lista diversos autores que a partir dos anos 90 começam a publicar trabalhos à luz da complexidade. Nesse sentido, o microsistema pequeno grupo passa a ser compreendido não somente como um sistema mecânico a partir do qual é possível inferir predições, mas como um sistema autoorganizado.

A compreensão complexa afirma que nesse sistema as interrelações são motivadas pelas singularidades e diversidades dos sujeitos, pelo próprio sistema grupo e seus subgrupos e pelas relações produzidas, gerando processos de organização e desorganização, de subjetivação e sujeição, de ordem e caos. A organização resulta na ligação dos indivíduos/sujeitos que constituem o sistema, confirma a interdependência entre eles, define uma relação de compromisso com normas, valores e objetivos comuns, produz e mantém a singularidade e a identidade do sistema pequeno grupo (Alves & Seminotti, 2006).

Morin (1996), então, afirma que a aspiração à complexidade tende para o conhecimento multidimensional. Ela não tem como pretensão dar todas as informações sobre um fenômeno estudado, mas respeitar suas diversas dimensões, aceitando que elas são sistêmicas, hologramáticas, recursivas, retroativas e dialógicas interdependentemente.

Nesse sentido, podemos pensar que a Psicologia Social ao entrar em contato com o Pensamento Complexo pode repensar-se epistemologicamente, bem como dialogar com

outros saberes com o objetivo de complexificar o objeto em estudo. Já que a especialização abstrai, extrai um objeto de seu contexto e de seu conjunto, rejeita os laços e a intercomunicação do objeto com o seu meio, insere-o no compartimento da disciplina, cujas fronteiras quebram arbitrariamente a sistemicidade (a relação de uma parte com o todo) e a multidimensionalidade dos fenômenos a aspiração à complexidade pode contribuir para questionamentos e problematizações acerca do conhecimento que vem sendo produzido.

No campo científico, a proposta de se promover maior abrangência e compreensão no estudo da multiplicidade de interações dos fenômenos vai além dos questionamentos a respeito do paradigma tradicional. Ela abarca uma exigência, a inter-relação das ciências com outros saberes. Essa exigência leva em conta também o saber informal ou o senso comum da linguagem do mundo da vida, tais como a arte, a filosofia e a ideia de que o observador é parte integrante do processo de construção do conhecimento, no interior de uma rede de temporalidades e causalidades múltiplas e simultâneas.

A seguir apresentam-se dois artigos que se alinham a essa proposta. O primeiro artigo discute o desenvolvimento do pensamento complexo e suas contribuições para a construção do conhecimento em Psicologia Social. O segundo discute, a partir de uma revisão integrativa, as contribuições do Pensamento Complexo para o entendimento da Psicologia Social e para o entendimento dos pequenos grupos.

## REFERÊNCIAS

- Alves, M. C., & Seminotti, N. (2006). O pequeno grupo e o paradigma da complexidade em Edgar Morin. *Psicologia USP*, 17(2), 113-133.
- Capra, F. (1982). *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix.
- Gergen, K. J. (2008). A psicologia social como história. *Psicologia & Sociedade*, 20(3), 475-484.
- Grzybowski, C. T. (2010) Por uma teoria integradora para compreensão da realidade. *Psicologia em Estudo*, 15(2), 373-379.

- Hernandez, A., & Santos, T. C. B. (2011). Por uma psicologia do estranho: identidades fronteiriças, territórios marginais, vontade de poder. In: A. Tomanik & A.M.P. Caniato (Orgs.), *Psicologia social: desafios e ações* (pp.108-125). Maringá: Abrapso.
- Krüger, H. (1986). *Introdução à psicologia social*. São Paulo: E.P.U.
- Morin, E. (1975). *O enigma do homem: para uma nova antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Morin, E. (1986). *O Método: o conhecimento do conhecimento*. Lisboa: Europa-America.
- Morin, E. (1996). *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Morin, E. (2010). *Mi camino: la vida y la obra del padre del pensamiento complejo*. España: Gediza Editorial.
- Munné, F. (2004). *El retorno de La complejidad y la nueva imagen del ser humano: hacia una psicología compleja*. Revista Interamericana de Psicología. 38(1), 23-31.
- Price, D. S. (1976). *A ciência desde a Babilônia*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- Santos, B. S. (1989). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal.

## **ARTIGO I: O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO COMPLEXO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM PSICOLOGIA SOCIAL**

Luciara Gervasio Itaquí

Mary Sandra Carlotto

**Resumo:** O paradigma da complexidade tem uma origem relativamente recente no século XX, principalmente a partir da segunda metade. Trata-se, portanto, de um paradigma novo, se comparado à ciência moderna tradicional que tem cerca de 400 anos. No século XX, a complexidade surge na ciência moderna, mas ainda sem ser identificada nominalmente, pois a ideia de complexidade tem uma origem dispersa. Em função dessa dispersão iremos percorrer diversos autores em diferentes disciplinas para que possamos compreendê-la desde o princípio até os dias atuais. Para isso, necessitamos compreender também o que é ciência, bem como o que é a construção do conhecimento científico através de marcos importantes na história da Filosofia. Assim, objetivamos compreender que contribuições de outras disciplinas do conhecimento foram importantes para o desenvolvimento do pensamento complexo, bem como problematizar e compreender que contribuições o pensamento complexo traz para a psicologia social. Nesse sentido, foi possível compreender que o pensamento complexo concebe seus objetos de estudo de forma sistêmica, levando em conta os elementos que o compõem, o contexto, a historicidade e as relações entre eles, bem como as propriedades emergentes que nascem dessas relações. Isso tem implicações tanto epistemológicas quanto metodológicas na Psicologia Social. A complexificação implica na aceitação da não-linearidade e da não-causalidade, no reconhecimento das multidimensionalidades e da aspiração à construção interdisciplinar do conhecimento e da implicação do pesquisador na pesquisa.

**Palavras-Chave:** psicologia social, pensamento complexo, epistemologia.

## **The Development of Complex Thinking and its Contributions to the Construction of Knowledge in Social Psychology**

**Abstract:** The paradigm of complexity has a relatively recent origin. It started in the 20<sup>th</sup> century, especially from the second half on. Therefore, it is a new paradigm if compared to the traditional modern science which is about 400 years old. In the 20<sup>th</sup> century, the complexity arises in modern science but still without being nominally identified because the idea of complexity has a dispersed origin. Due to this dispersion, we will analyze several authors from different disciplines so that we can understand it from the beginning up to the present days. For that, we also need to understand what science is and how the construction of scientific knowledge happens through milestones in the history of Philosophy. Thus, we understand that contributions from other disciplines of knowledge were important for the development of Complex Thinking as well as for discussing and understanding what contributions of Complex Thinking may be brought to Social Psychology. In this sense, it was possible to understand that Complex Thinking conceives its objects of study in a systemic way, taking into account the elements that compose it, the context, the historicity and the relationships between them, as well as the emergent properties which come from those relationships. It has both methodological and epistemological implications in Social Psychology. The complexity implies in the acceptance of the non-linearity and non-causality, in the recognition of multidimensionalities, in the aspiration to interdisciplinary construction of knowledge and in the involvement of the researcher with his/her field of study.

**Key-words:** Social Psychology, Complex Thinking, Epistemology

## Introdução

A ciência moderna percebe o homem e seu mundo de uma forma mecânica e utiliza a metáfora do relógio para a descrição deste mundo (Capra, 1982). Segundo Price (1976), grande parte da ciência construída após Descartes acredita em um mundo cujos fenômenos são de ordem absolutamente mecânica e de relações mecânicas entre o ser humano e a natureza que o cerca, sendo que tais relações podem ser explicadas a partir da física mecânica proposta por Newton.

No entanto, os diversos conhecimentos desenvolvidos pela física levaram a ciência moderna a impasses sobre a impossibilidade de explicar a realidade a partir do paradigma mecanicista, em especial com o surgimento da física quântica e os postulados acerca do caos e da desordem (Prigogine, 1996). Essas descobertas têm possibilitado questionamentos e relativizações com relação aos principais conceitos decorrentes das visões de mundo propostas por Descartes e Newton nos séculos XVI e XVII (Capra, 1982; Santos, 1989).

Assim, o pensamento complexo, de acordo com Vasconcelos (2002), emerge no campo das ciências para tentar responder às necessidades de compreensão dos elementos complexos vindos à tona a partir das novas descobertas em várias disciplinas. Nesta direção, podemos dizer que a reflexão desta questão, na atualidade, tem sido acompanhada dos pressupostos relativos à teoria da complexidade (Morin, 1996; Morin & Prigogine, 2000), a qual pressupõe que o pensamento pós-moderno possa ser articulado ao pensamento moderno.

Munné (2004) lista vários autores da área da psicologia social que, a partir dos anos 90, começam publicar trabalhos nessa área à luz do pensamento complexo. A partir disso, propomos num primeiro momento compreender o que é ciência desde os gregos até a modernidade, compreendendo também como se dá a construção do conhecimento em Psicologia Social e, num segundo momento, propomos discutir sobre o desenvolvimento do pensamento complexo e suas contribuições à psicologia Social.

## A concepção de ciência para os gregos

Houve na Grécia Antiga, entre os séculos VIII a.C. e VI a.C. um salto do conhecimento mitológico para o conhecimento racional. O conhecimento nesse momento não era apenas explicável pelos mitos, mas também pela razão – “descoberta do *logos*” (Oliveira, 1998).

Alguns pensadores – Thales (624-562 a.C.), Anaximandro (611-546 a.C.) e Anaxímenes (586-525 a.C.) – tentaram compreender o mundo, buscando seu princípio explicativo. Para o primeiro a água era a causa principal de tudo, o segundo contrapôs à água o *apeíron*, algo indeterminado e ilimitado, uma idealidade sem analogia empírica ou observável, que seria o princípio de tudo na natureza. Finalmente, o último acreditava que o princípio elementar de tudo era o ar (Oliveira, 1998).

A descoberta do *logos* foi consolidada posteriormente, entre os séculos V a.C. e IV a.C. em Atenas com Sócrates (469-399 a.C.), Platão (427-347 a.C) e Aristóteles (384-322 a.C.). Sócrates foi quem primeiro trabalhou de forma clara a ideia de que é necessário justificar as proposições, por meio da demonstração, cujo fio condutor é o argumento (Marcondes, 2001).

Em seguida, tanto Platão quanto Aristóteles enfatizaram a importância de instalar um conhecimento verdadeiro, combatendo tanto o mito quanto a opinião (*doxa*), pois ambos seriam conhecimentos não mediados pela razão. Assim, havia o pseudoconhecimento (mito e opinião) incapaz de garantir a verdade de suas afirmações e o conhecimento que seria a ciência. Quando suscetível à mudança esse conhecimento não constitui ciência, mas crença (Marcondes, 2000).

Nesse período, é importante lembrar, segundo Vasconcellos (2002), que filosofia e ciência não se distinguiam e essa nova forma de pensar foi denominada pelos gregos *episteme* e apresentava alguns traços característicos. O discurso do *logos* (do sujeito do conhecimento)

é pensado como separado da realidade (o objeto do conhecimento), da qual deverá apropriar-se, por intermédio da mediação do pensamento ou ideia (*eidós*).

A verdade é relativa a uma essência do ser, que permanece escondida pela aparência das coisas, tendo que ser desvendada ou demonstrada pelo pensamento. Há uma desocultação da verdade pela demonstração: mostrar o que está oculto, mostrar a verdade que fica escondida. Daí surge, por exemplo, a ideia de descoberta científica conforme afirma Domingues (1991).

Os gregos não se preocuparam em saber por que a realidade fica escondida. Limitaram-se a constatar que o mundo existe e que a realidade das coisas nem sempre se revela integralmente. “As constatações levaram a problematizar a realidade e a verdade e, com a emergência da razão, surge a necessidade de encontrar o princípio das coisas ou a substância, no interior das mesmas e não fora, como no mito” (Vasconcellos, 2002, p.55).

Por fim, o objetivo da ciência moderna concentra-se em atingir a verdade por meio da demonstração, por meio da constituição da prova. De fato, na unidade originária ciência-filosofia, já estão presentes duas formas de racionalidade que podemos distinguir: a racionalidade matemática e a racionalidade lógica.

A racionalidade matemática – tal como em Pitágoras, Platão, Arquimedes, Euclides – é o mais antigo padrão de racionalidade do *logos*. A matemática em sua acepção originária, *máthema*, que significa ciência rigorosa, com regras precisas de derivação e dedução. Essas regras se estendem à geometria, à física, à metafísica e se convertem no padrão de racionalidade do *logos*. Essa racionalidade matemática é puramente abstrata, e por isso pode ser usada invariavelmente sem depender do objeto do conhecimento em análise (Vasconcellos, 2002).

Porém, por outro lado, o conhecimento é contemplativo, encadeamento *a priori* de ideias, e não há preocupação com a realização de experiências, nem com o uso prático que se

possa fazer dele. A ideia de observação controlada, sistemática, só aparece muitos séculos mais tarde, na ciência moderna. Aqui, a técnica não fica na dependência da ciência e o conhecimento científico, embora importante, não é aplicável (Domingues, 1991).

Nos *Primeiros Analíticos*, de acordo com Marcondes (2001), Aristóteles se ocupa da doutrina do silogismo, sua contribuição mais importante às ciências formais, que constitui a esfera da lógica *stricto sensu*. Um silogismo, do grego antigo, significa cálculo e diz respeito à argumentação lógica perfeita. Ela é constituída de três proposições declarativas que se conectam de tal modo que a partir das duas primeiras, chamadas premissas, é possível deduzir uma conclusão. A doutrina do silogismo fixa as regras, a consistência lógica, para um discurso ser admitido como racional.

Além dessa característica da necessidade, o silogismo perfeito tem também a característica da universalidade: o argumento não é válido para uma só coisa, em um só tempo, mas aponta para um atributo de todo um grupo de coisas. E, uma vez que o objetivo da ciência não é acidental ou fortuito, mas sim o universal e o necessário, o padrão por excelência do silogismo científico é o silogismo necessário. Aristóteles inclusive critica Platão por não ter percebido a importância da conexão lógica (Marcondes, 2000).

O raciocínio dedutivo sempre supõe um conhecimento prévio, fixado nas premissas ou princípios, que são o ponto de partida: é preciso que a premissa contenha o universal e que seja extensiva ao particular. Então, em todo o conhecimento fundado no *logos*, a demonstração instala a verdade, mas o grau de certeza pode variar, dependendo do modo como se constitui cada ciência em particular. Dependendo do modo como se adquirem os princípios ou premissas diferentes métodos poderão ser usados nos diferentes campos do conhecimento.

Aristóteles propõe uma primeira classificação das ciências em: teóricas, práticas e produtivas. Ele acredita que o próprio nexu dedutivo varia de uma ciência para outra. Uma ciência será tanto mais perfeita quanto mais amparada no silogismo perfeito, o necessário.

Então, na Grécia Antiga, conforme Vasconcellos (2002), já temos um arcabouço da nossa racionalidade ocidental: existe uma forma melhor de conhecer o mundo, uma forma correta, válida, aceitável: o conhecimento é relativo ao objeto e a verdade é relativa a uma ordem transindividual e supratemporal, há campos de saber mais verdadeiros do que outros.

### **A concepção de ciência na Idade Média**

Para o homem medieval, o conhecimento é graça, iluminação, irrupção de Deus no mundo dos mortais. Durante a idade Média, toda a reflexão sobre o conhecimento se dá nos quadros de uma filosofia de tipo religioso, ficando incertas as fronteiras entre a filosofia e a teologia. Há dois filósofos importantes desse período: Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino.

O Padrão de racionalidade da Idade Média tenta acolher tanto as exigências do pensamento racional, quanto às exigências do pensamento teológico, mas nem sempre isso se torna possível. Daí, podemos dizer que a *episteme* medieval é atravessada por uma antinomia e que ela se propõe a uma empresa contraditória (Marcondes, 2000).

### **A concepção de ciência na modernidade**

A questão da ciência aparece fortemente no século XVII, como afirma Oliveira (1998), pois se constitui no cenário para uma revolução na história do pensamento científico. Há, de fato, a separação entre a ciência e a filosofia. As ciências empírico-positivas passam a funcionar à parte das elaborações filosóficas.

Essa cisão diz respeito à matematização da experiência, pois como vimos anteriormente, para os gregos antigos a matemática era puramente abstrata e estava dissociada da experiência. Descartes enfatizou que o método da filosofia seria a especulação ou o método reflexivo, enquanto o da ciência seria a experimentação ou o método matemático.

O espírito científico, no sentido moderno, é entendido como matematismo e não simplesmente como logicismo. A partir disso, a natureza é atomizada, reduzida a seus elementos mensuráveis, e buscam-se as leis que a governam, segundo a linguagem do número e da medição. Assim, são afastadas as causas finais na explicação dos fenômenos, concentrando-se os esforços na identificação das causas eficientes (Vasconcellos, 2002).

O projeto da modernidade é ambicioso, é o projeto de uma ciência universal da ordem e da medida, é um projeto de estender esse novo padrão de racionalidade a todos os domínios, do universo físico ao mundo social, político e moral. Esse projeto se dirigiu primeiro ao mundo das coisas: astronomia (física celeste) e física (física terrestre), nos séculos XVI e XVII; em seguida ao mundo dos homens: ciências humanas, nos séculos XVII e XVIII.

Diferentemente do ideal contemplativo da antiguidade clássica, essa ciência nova, segundo Vasconcellos (2002), é profundamente associada à técnica e pretende oferecer os meios para o homem superar a ignorância e tornar-se senhor e possuidor da natureza exercendo o controle sobre ela. Vamos destacar, a seguir, as contribuições fundamentais de alguns pensadores considerados historicamente influentes na constituição da ciência moderna.

Francis Bacon, filósofo inglês, considerado precursor da filosofia empírico-positivista tem seu nome associado à proposta do método indutivo, como uma maneira de estudar os fenômenos naturais. Ele acreditava que para chegarmos à verdadeira compreensão dos fenômenos, precisamos da observação da natureza e da experimentação guiados pelo raciocínio indutivo. Assim, o cientista não precisaria ficar na dependência do raciocínio dedutivo ou silogístico que é puramente mental (Rossi, 1992).

Para pensar indutivamente, além de proceder a uma descrição pormenorizada dos fatos observados, ele propõe que se façam tabulações para o registro das observações feitas: uma tábua com os casos de ocorrência do fenômeno, outra com os casos de ausência do fenômeno e outra com o registro das variações da intensidade do fenômeno. Ele ressalta que para se chegar a ter uma mentalidade científica, é preciso que o cientista expurgue da mente os preconceitos e esteja aberto aos fatos observados.

Galileu-Galilei foi um físico italiano, que tem seu nome associado aos princípios da dinâmica, considerado importante por ter introduzido e valorizado o método experimental nas ciências da natureza, criando uma física não contemplativa. Além de experimentos em laboratório, ele também realizava demonstrações empíricas, que podiam ser repetidas e vistas por todos, em lugares públicos (Crescenzo, 2012).

Em função disso, Galileu Galilei criticou Aristóteles por ter ficado só com a demonstração lógica ou dedução. A experimentação gera conhecimento público a que todos, e não só alguns privilegiados, podem ter acesso. Galileu, segundo Crescenzo (2012), diz que o livro do mundo está escrito em linguagem matemática e que seus caracteres são os planos e as figuras.

René Descartes, pensador francês, físico e matemático, geralmente é considerado como a figura central, na origem da ciência moderna. Por isso, segundo Vasconcellos (2002), a ciência moderna é frequentemente chamada de ciência cartesiana.

Ao assumir uma posição dualista no que diz respeito à questão ontológica da relação entre o pensamento e o ser, fracionou oficialmente o mundo em material e espiritual, corpo e mente, nos seres vivos. Admitia duas substâncias: uma das coisas, cujo atributo é a extensão (*res extensa*); e outra do sujeito pensante (*ego cogitans*), cujo atributo é o pensamento (Descartes, 1989).

Temos, então, dois princípios independentes, um material e outro espiritual. Assim, vemos clara e explicitamente a separação entre filosofia (o domínio do sujeito, da meditação interior) e a ciência (o domínio da coisa, da medida, da precisão). E assim encontramos as raízes da disjunção entre cultura humanística e cultura científica. Descartes se opunha à filosofia da Idade Média, assim propôs que, para ser científico, o conhecimento do mundo deveria substituir a fé dos escolásticos pela razão e ocupar-se dos objetos, mensuráveis e quantificáveis. Dessa forma, o conhecimento científico se edifica em torno da matemática.

Descartes queria um conhecimento certo, fundado, e considerava necessário livrar-se das ideias preconcebidas, para estabelecer verdades irrefutáveis. Propôs então, como método de raciocínio, a dúvida: duvidando de tudo, a certeza surgirá do lado da dúvida e não do lado das verdades preestabelecidas. Ao propor a dúvida, reconhece que duvidar é pensar e funda o conhecimento no *cogito* (em latim, *cogitare* = pensar): “penso, logo existo”. O critério da verdade – ou a certeza – vai se encontrar na razão mesma. Por essa sua teoria é conhecido e reconhecido como o pai do racionalismo.

Isaac Newton, físico e um matemático inglês, elaborou a primeira grande síntese da física. Tendo tido importantes contribuições na área da matemática, com destaque para o cálculo diferencial pode-se dizer que seu trabalho se concentrou na física: leis da mecânica, teoria da gravitação universal, teoria da luz e da cor, teoria corpuscular da luz. O paradigma da ciência moderna também é conhecido como o paradigma newtoniano do mundo como máquina (Vasconcellos, 2002).

Com Newton, a ciência moderna, que vinha se construindo em torno da matemática, passa a se construir em torno das ciências da natureza: a física empírica torna-se o modelo de ciência, o paradigma. É interessante que observemos também outra importante separação, entre as ciências positivas ou da natureza e as ciências do homem. É importante salientar que a ideia de que o homem não faz parte da natureza.

Augusto Comte, filósofo francês que fundou a escola filosófica conhecida como positivismo. Suas reflexões sobre a história do pensamento humano levaram-no a estabelecer a “Lei dos Três Estágios”, segundo a qual, o pensamento humano se desenvolveu em três etapas. A primeira é a teológica, em que os fenômenos são explicados pela ação de seres míticos. A segunda é a metafísica, em que os fenômenos menos se explicam por abstrações racionais, possibilitando várias teorias sobre o mesmo fenômeno (Domingues, 1991).

A última etapa corresponde à etapa positiva na qual se busca conhecer a explicação da natureza por meio da observação e da experiência, buscando as leis que regem os fenômenos. Tais leis gerais não podem ir além do que permitem a experimentação e a dedução matemática. Tudo o que vai além seria metafísica e não teria valor. O objetivo de conhecer as leis é poder fazer previsão: conhecemos para prever os acontecimentos.

Com base na “Lei dos Três Estágios”, Comte hierarquizou as ciências, segundo um critério de generalidade decrescente e rigor crescente, separando as que já atingiram das que ainda não atingiram a etapa positiva. Daí vem a ideia de que as diversas disciplinas foram se despreendendo da filosofia, deixando o estágio metafísico e se constituindo como ciência, ao passar para o estágio positivo. Isso aparece na história da Psicologia como veremos posteriormente.

Assim, a matemática, a astronomia, a física, a química e a biologia eram consideradas como ciências positivas, cada uma com seu objeto específico. Na sequência, introduz a sociologia – termo criado por ele – ou a ciência da sociedade humana, que deveria seguir o exemplo das demais e transformar-se em “física social”.

Nesse contexto, a verdade passa pela exigência de testemunhos e garantias fornecidas pela experiência: só a observação confiável, sistemática, fidedigna, que foi compartilhada pode fundamentar as afirmações. E, há também a exigência da neutralidade: as afirmações do cientista devem ser impessoais e ele deve apresentar apenas os resultados de

sua pesquisa; proposições marcadas por proposições e/ou vivências pessoais não são científicas. O cientista abstém-se de seus juízos e valores para dar foco ao objeto. Ele deve atuar como uma câmera fotográfica, que dá cópia fiel desse objeto (Vasconcellos, 2002).

Segundo Domingues (1991), o procedimento positivista, que vinha sendo fértil nas ciências da natureza, mostra-se também inicialmente fértil no campo das ciências do homem. Baseando-se na observação e na experiência, focalizam-se manifestações exteriores, os fenômenos humanos. Porém, logo se percebem os limites desse modelo de cientificidade para abordar o homem e a sociedade, e as ciências humanas passam então a elaborar seu próprio padrão de cientificidade, para além dos marcos estreitos das ciências naturais.

Nesse cenário, o filósofo alemão Wilhelm Dilthey, no intuito de preservar a especificidade das ciências humanas, propõe a divisão das ciências em dois grandes grupos. De um lado, as ciências naturais que trabalhando com o princípio da causalidade eficiente, explicam os fenômenos da natureza, por exemplo, o calor dilata os corpos. De outro lado, as ciências humanas – hermenêuticas ou históricas -, que teriam seu próprio padrão de cientificidade, uma vez que não podem dispensar a teleologia, ou seja, as causas finais e os esquemas valorativos, e cujo método seria então o da compreensão. Explicamos a natureza e compreendemos o homem. Os cânones da explicação e da compreensão, portanto, não são os mesmos.

A partir do estabelecimento da especificidade das ciências humanas, Dilthey reabilita tacitamente a natureza humana, que, em última análise, explicaria a especificidade dos fenômenos humanos e sociais em relação aos fenômenos da natureza, físicos e biológicos. Aqui percebemos o quanto a ideia de Comte sobre as separação das ciências ficou reforçada assim como também a ideia de que a natureza humana é de uma natureza diferente da natureza, ou seja, de que o homem não faz parte da natureza, o que será problematizado pelo pensamento complexo.

Além disso, só as ciências da natureza, as ciências positivas, continuam satisfazendo as exigências do padrão de cientificidade vigente e só elas puderam usufruir o rótulo de *hard sciences* ou ciências rigorosas. Enquanto isso, as ciências humanas levavam o rótulo de *soft sciences*, apesar de muitas vezes ainda estarem se esforçando para satisfazer os critérios de cientificidade estabelecidos pelas *hard sciences*.

### **A construção do conhecimento em psicologia social**

A partir do panorama realizado anteriormente acerca do que é a ciência e o conhecimento considerado científico, poderemos discorrer acerca de como o conhecimento em Psicologia social foi se constituindo ao longo dos anos. Posteriormente passaremos à compreensão do desenvolvimento do pensamento complexo e de suas contribuições à Psicologia social.

A história da psicologia, recontada por alguns autores contemporâneos como Farr (2002), aponta que o estudo dos processos sociais, para além dos chamados processos básicos em Psicologia, sempre acompanhou a sua trajetória. Mesmo Freud (1921/1970), ainda que estudando no campo da psicanálise, lembra-nos que toda a psicologia individual é, ao mesmo tempo e por princípio, psicologia social.

A ênfase maior dada ao indivíduo ou a sociedade irá acompanhar a evolução da teorização no campo da psicologia social desde os seus primórdios, levando à caracterização de duas diferentes modalidades da disciplina: a psicologia social psicológica e a psicologia social sociológica. Em outras palavras, os psicólogos sociais da primeira vertente tendem a enfatizar principalmente os processos intraindividuais, enquanto os da segunda tendem a privilegiar as coletividades sociais (Álvaro & Garrido, 2006).

A Psicologia social moderna, segundo Farr (2002), floresceu em solo norte-americano no período posterior à Segunda Guerra Mundial, sendo que a perspectiva

hegemônica passou a ser a psicológica devido à individualização do social, implementada tanto pelo behaviorismo (entre as duas guerras) quanto pelo cognitivismo no período que se sucedeu à Segunda Guerra Mundial. No entanto, antes da instalação da perspectiva individualista em solo norte-americano, vemos o surgimento de uma psicologia social comparativa, baseada em uma perspectiva evolucionista fundamentada no *Handbook of Social Psychology*, de Murchison, de 1935.

Esse trabalho, segundo Farr (2002), revela uma perspectiva sociológica da Psicologia social por se fundamentar em uma analítica histórica dos fenômenos filogenéticos e na história social, em uma forma de considerar o social com metodologia multidisciplinar de análise dos fatos e fenômenos sociais. Entretanto, podemos perceber que, com o fortalecimento hegemônico do behaviorismo entre as duas guerras, essa perspectiva foi sobrepujada em solo norte-americano.

A vitória do behaviorismo contra o funcionalismo e a Psicologia comparativa marcou a derrota da perspectiva histórica na análise do comportamento, dando lugar a uma perspectiva a-histórica que se fundamentava na busca de leis que regem as interações sociais. A visão de que a pesquisa deveria servir para a depuração precisa das variáveis, pelo meio de pesquisas *ex post facto* e experimentais, foi tomando espaço até tornar-se hegemônica com o advento do cognitivismo.

É interessante observarmos com Foucault (1957/1999), em seu texto *A Psicologia de 1850 a 1950*, que há, no início da Psicologia – assim como nos objetivos traçados pelos behavioristas e cognitivistas e também na Psicologia social –, uma vontade de verdade que busca as naturezas, as essências depuradas do homem por meio de experimentos que retiram a sua história. Será somente mais tarde, na história da Psicologia e da Psicologia social que a compreensão do homem como sujeito histórico irá tomar corpo em oposição a essa subjetividade naturalizada pelas psicologias que se declaram provindas das ciências naturais.

Se retornarmos na história da Psicologia, poderemos observar esse dilema entre as formas psicológicas e sociológicas da Psicologia Social, conforme os fundamentos teóricos levantados por Wundt no início da Psicologia. Wundt formulou a base de duas perspectivas psicológicas. A primeira estaria associada ao que os alemães chamavam de *Naturwissenschaft* (ciência natural), e a segunda, à *Geisteswissenschaft* (ciência do espírito).

Essa dicotomia fundamenta duas psicologias com objetos e métodos de análises diferentes. A Psicologia experimental se baseava na introspecção como método de análise usado no laboratório para analisar certos comportamentos do indivíduo e da dinâmica da consciência, enquanto a segunda se fundamentaria na análise de religiões, mitos e produtos culturais em geral.

Wundt estabeleceu essa diferença por acreditar que os processos mais profundos do psiquismo e suas produções culturais decorrentes não poderiam ser analisados experimentalmente. Sobre esse fato, Schultz e Schultz afirmam o seguinte:

A Psicologia cultural tinha que ver com a investigação de vários estágios do desenvolvimento mental, manifestos na linguagem, na arte, nos mitos, nos costumes sociais, nas leis e na moral. As implicações dessa obra para a Psicologia têm um significado maior do que seu conteúdo; ela serviu para dividir a nova ciência em duas partes, a experimental e a social (Schultz & Schultz, 2001, p. 80).

Assim, Wundt utilizava o método experimental. Por meio da interferência e da manipulação do pesquisador em relação ao objeto analisado, em sua psicologia experimental, fundou uma psicologia da experiência, enquanto usava o método de observação, fundado na apreensão dos fenômenos, por meio de investigações indiretas através de relatos e de estudos etnológicos, dentre outros. Wundt afirmou veementemente a impossibilidade de se estudar os processos psíquicos superiores por meio do experimento. No entanto, podemos ver, ao longo da história da Psicologia, críticas diretas a essa ideia, como nos trabalhos de Ebbinghaus sobre

o estudo experimental da aprendizagem e da memória, e de Külpe sobre o pensamento sem imagens (Schultz & Schultz, 2001).

As críticas da vertente positivista a essa recusa, da possibilidade de análise experimental de fenômenos psicológico-culturais, deu origem ao esquecimento, ou melhor, à obliteração do desenvolvimento de uma *Volkärpsychologie* (psicologia dos povos). Esse “repúdio positivista de Wundt”, usando expressão de Danziger, possibilitou o fortalecimento de uma perspectiva em Psicologia social, fundamentada no experimentalismo e no positivismo, apontando uma individualização do social, percebida em seu desenvolvimento posterior com o behaviorismo e com o cognitivismo (Farr, 2002).

O repúdio fundamentou em solo estadunidense a substituição do psiquismo pelo organismo como objeto e da transição da Filosofia, como disciplina-mãe, para a biologia. Esse movimento de recusa positivista da psicologia social de Wundt foi um passo importante para a Psicologia social se tornar, aos olhos norte-americanos, uma ciência natural.

Assim, voltemos ao solo norte-americano, com o fortalecimento do behaviorismo e o desaparecimento, nas Américas, da Psicologia comparativa, no período entre as duas guerras. Em seu livro *Social Psychology*, Floyd Allport (1924) classifica a Psicologia social como ciência comportamental e experimental. Essa forma de ver a Psicologia social é uma forma psicológica, que individualizou e rebateu o aspecto social sobre a análise do comportamento. Outra perspectiva psicológica em Psicologia social surgida em solo norte-americano é a Psicologia social cognitiva, que, mesmo sendo diferente em sua base teórica em relação à anterior, tem algumas consequências políticas e metodológicas semelhantes em sua individualização do âmbito social.

Cartwright, em sua análise histórica da Psicologia social, sustenta a grande importância da figura de Hitler para o surgimento da Psicologia social moderna, fundamentada em solo norte-americano no período posterior à Segunda Guerra Mundial.

Muitos intelectuais europeus migraram para a América para fugir do ódio nazista. Dentre esses intelectuais, estavam os teóricos da Gestalt, como Kurt Lewin, Heider, Köhler, Koffka e Wertheimer, dentre outros.

Dessa migração, surgiu o confronto entre duas perspectivas psicológicas: o behaviorismo e o gestaltismo. O primeiro baseado no positivismo e na análise do comportamento, e o segundo fundado em uma perspectiva fenomenológica e no exame da percepção. No entanto, podemos observar que ambas as teorias (behaviorismo e gestaltismo) individualizaram o social, cada uma de seu jeito, e se constituíram como formas psicológicas de Psicologia social, a primeira rebatendo o aspecto social sobre o comportamento do indivíduo e a segunda, em termos de percepção. Ambas as formas psicológicas de Psicologia social norte-americana se definem como o estudo das interações sociais que procuram relacionar fatores ou variáveis dotadas de estabilidade, daí a afirmação de Aroldo Rodrigues de que a Psicologia social é uma ciência neutra, por buscar relações estáveis (Bock, Ferreira, Gonçalves, & Furtado, 2007).

A análise das interações sociais se baseia na tentativa de construção teórica de leis sobre o comportamento ou a percepção dos indivíduos na sociedade, apostando na ideia de que a psicologia do indivíduo explica a psicologia da sociedade. Poderíamos acrescentar à reflexão de Cartwright (1979) que não foi tão somente a imigração dos gestaltistas que aponta a marca das consequências da Segunda Guerra na psicologia social moderna, pois também muitos de seus objetos de análise decorrem de preocupações sublinhadas socialmente pela ascensão do nazismo, como o exame do papel da obediência à autoridade, do poder social, do conformismo e da agressão.

No entanto, podemos assinalar que a análise das atitudes se tornou um dos focos principais da psicologia social norte-americana (Reich & Adcock, 1976; Rodrigues, 1979). A psicologia social norte-americana, dentro desses moldes, revela uma forma psicológica de

Psicologia social. Ela tem, segundo Krüger (1986), como principais aspectos: 1) o individualismo – preocupação em formular leis psicológicas relativas ao indivíduo em suas relações sociais; 2) o experimentalismo; 3) a microteorização; 4) o etnocentrismo – generalização teórica de experimentos norte-americanos para a aplicação em outras culturas; 5) o cognitivismo – devido à prevalência dessa concepção em relação ao behaviorismo e à psicanálise e 6) o a-historicismo – devido à busca de formulação teórica de leis generalizáveis para o comportamento do indivíduo em sociedade, em que se essencializa o indivíduo e sua relação com a sociedade retirando seu componente histórico criador.

É interessante observarmos, com Barros (2007), como a psicologia social norte-americana abandonou as noções europeias de massa e de coletivo para usar o grupo. Ela irá basear suas análises em grupos ou microgrupos, como salienta Krüger (1986), com o intuito de melhor adaptar os indivíduos, visando também a um aumento de produtividade e, em consequência, de controle.

A metodologia dominante baseada no positivismo e utilizada por essa perspectiva é experimental, que se apoia em um controle e planejamento estatístico da pesquisa e na análise de hipóteses construídas. Ela era fundamentada ou em análises em laboratório ou em pesquisas de campo, e dava mais importância à primeira em muitos dos casos (Krüger, 1986).

No entanto, antes de analisarmos a Psicologia Social latino-americana, faremos um breve adendo para apresentar uma perspectiva sociológica em Psicologia social apontada por Farr (2002), surgida no período do pós-guerra em solo europeu, a teoria das representações sociais, de Moscovici. Essa perspectiva mostra um movimento dialógico entre indivíduo e sociedade.

A teoria das representações sociais fundamenta a análise do conjunto de saberes que circulam atualmente em nossa sociedade, constituindo a construção social de identidades.

Essa teoria será recuperada nos estudos latino-americanos em Psicologia social em seu embate teórico contra as perspectivas psicológicas hegemônicas.

Diferentemente de Allport em sua análise positivista da história da Psicologia social que aponta Comte como antecessor, Moscovici sublinha Durkheim como antecessor da Psicologia social, com sua distinção entre representações coletivas e representações individuais. Essa distinção de Durkheim muito se assemelha à apontada por Wundt entre a Psicologia experimental e a social (Moscovici, 2003).

As representações sociais se assemelham às representações coletivas, como formas representacionais de determinada cultura. No entanto, o caráter estático das representações coletivas é trocado por um caráter dinâmico e de transformação que fundamenta a nomeação conceitual diferenciada (Spink, 1993). Moscovici está interessado no dinamismo das representações em sua construção da sociedade contemporânea e das identidades fundadas nessas representações.

Quando Moscovici (2003) se pergunta como surgem as representações sociais, conclui que elas aparecem em um movimento de familiarização do desconhecido. Quando surge o novo, o estranho, o movimento recorrente dos homens é o de torná-lo familiar. É desse modo que as representações sociais surgem, através de um movimento dinâmico de familiarização do estranho em categorias e representações, que revelam dimensões afetivas e cognitivas. Esse movimento surge cognitivamente através de dois processos: o de ancoragem e o de objetivação (Moscovici, 2003; Sá, 2002).

O processo de ancoragem se caracteriza pelo encaixe do desconhecido em categorias pré-existentes. “A ancoragem consiste na integração cognitiva do objeto representado a um sistema de pensamento social preexistente e nas transformações implicadas em tal processo” (Sá, 2002, p. 46). A ancoragem é sinônimo de classificação e denominação. Ela está do lado da categorização do desconhecido que se torna familiar, enquanto a objetivação se

fundamenta na construção de imagens naturalizadas que tomam o lugar do desconhecido e assim o explicam.

Essa teoria foi usada por muitos dos teóricos latino-americanos em sua luta por uma psicologia social comprometida com os problemas de seus respectivos países e em uma tentativa de possibilitar a conscientização dos povos, subjugados por forças ideológicas. Assim, seu uso buscava conscientizar os sujeitos que são acometidos por representações sociais a serviço de forças ideológicas hegemônicas.

Portanto, os psicólogos sociais latino-americanos debruçaram-se sobre as representações sociais com o intuito de apontar o seu caráter ideológico. Uma de suas críticas mais ferozes à perspectiva norte-americana tem a ver com a neutralidade do pesquisador. A perda do humano em seu tratamento a-histórico, a falsa dicotomia entre indivíduo e sociedade, e, principalmente, com o fato de que esses modelos importados não condizem com a realidade dos povos latino-americanos (Lane, 1981, 1982).

O surgimento da Psicologia social latino-americana deve muito às figuras ditatoriais instaladas em suas fronteiras, já que tanto a repressão das ditaduras quanto a imposição da hegemonia norte-americana impuseram a valorização do indivíduo em relação ao social. O individualismo é importante para ambas, porque sustenta a despolitização do social, como afirma Bourdieu (1998) em seu texto *Contrafogos*.

A repressão e o individualismo fizeram surgir, em contrapartida, uma Psicologia social comprometida com a realidade social de nosso continente em contraposição ao movimento de despolitização. Essa Psicologia social, que é uma forma sociológica, teve como influências marcantes a teoria das representações sociais, a teoria crítica e a práxis marxista. No Brasil, temos Silvia Lane como uma de suas figuras fundamentais.

Como podemos ver a Psicologia sócio-histórica se fundamenta na ideia do homem como ser histórico e na possibilidade de transformação social. A compreensão da ideologia

como dominação aponta o entendimento de uma psicologia social crítica que tende ao compromisso social e à conscientização.

Assim, sua maior preocupação não está em formular leis gerais sobre o comportamento social, mas sim, no entendimento das relações de dominação ideológicas e de sua possível saída, através da conscientização. A metodologia dessa forma sociológica de Psicologia social critica veementemente a neutralidade da psicologia social norte-americana e aposta no trabalho com grupos através de métodos como a pesquisa-ação e a pesquisa-participação.

Podemos ainda indicar mais uma teoria de Psicologia social sociológica que é muito exercida em nosso país: a psicologia que gira em torno de questões relativas às instituições e ao poder, baseadas nas obras de Foucault, Deleuze, Guattari, e de autores da análise institucional que se debruçam sobre o recrudescimento da verdade instaurada em nossas instituições.

Paul Veyne, em seu livro sobre Foucault, assinala o caráter revolucionário do método genealógico, por ele se fundar na ideia de que não há objeto natural. Sua crítica às noções de essência e de origem suscita o entendimento de que as práticas, surgidas em um determinado tempo histórico, causam o aparecimento dos objetos, e não o contrário, como no caso dos objetos de estudo da Psicologia Social moderna, como vimos, na Segunda Guerra Mundial.

Assim, o autor compreende que toda verdade é fabricada em um determinado tecido sócio histórico, inserindo o problema da verdade no tempo. Foucault pensa que não existem verdades gerais, trans-históricas, porque os fatos humanos, atos ou palavras, não provêm de uma natureza, de uma razão que seria sua origem, nem refletem o objeto ao qual eles remetem (Veyne, 2008, p. 22). Assim, metodologicamente, essa busca do questionamento das verdades instauradas nas instituições se valerá da pesquisa-ação, mas também apontará a importância das análises das implicações do investigador com seu saber, com a instituição e com o grupo

analisado (Kamkhagi & Saidon, 2002). Desse modo, essa perspectiva sociológica da Psicologia social critica veementemente também a noção da neutralidade.

É importante observarmos dois conceitos usados por esses autores: o conceito de relação e da linguagem como mediador simbólico das relações humanas. Em Psicologia Social Crítica, Guareschi (2004) sustenta que o conceito-chave da Psicologia social seria o conceito de relação. Essa afirmação revela uma contraposição à psicologia social norte-americana, que busca valores universais que regeriam as interações humanas.

Os valores universais estão do lado das naturalizações que sustentam certas relações de poder. O conceito de relação se opõe às ideias de natureza humana, pois, para um pensamento histórico, as essências são construções representativas precárias fundadas pelo medo da transformação. Assim, Guareschi une os conceitos de relação, de história e de crítica para se contrapor às naturezas impostas pelas relações de dominação, fundadas nas diversas ideologias que circundam a sociedade.

### **O pensamento complexo e suas contribuições à Psicologia Social**

O século XX instaura todo um questionamento a respeito do critério de verdade enquanto “verdade absoluta”, relativizando a noção de verdade e instaurando a importância da dúvida e dos erros na produção do conhecimento científico (Bachelard, 1968). Essa relativização instaura uma crítica importante ao modelo de ciência dominante na época e vai influenciar autores contemporâneos de diferentes perspectivas epistemológicas como Morin (1986), Foucault (1987) e Kuhn (1989). Consequentemente, a busca do conhecimento e não da verdade seria o objetivo da ciência.

Os desenvolvimentos da física levaram a ciência moderna a impasses sobre a impossibilidade de explicar a realidade a partir do paradigma mecanicista, em especial com o surgimento da física quântica e os postulados acerca do caos e da desordem (Prigogine, 1996).

Essas descobertas têm possibilitado questionamentos e relativizações com relação aos principais conceitos decorrentes das visões de mundo propostas por Descartes e Newton nos séculos XVI e XVII (Capra, 1982; Santos, 1989).

Nesse sentido, o pensamento complexo, expressão criada por Morin, um dos principais autores do tema da complexidade representa, de acordo com Vasconcelos (2002), uma nova forma do pensar científico, uma nova maneira de perceber o mundo e suas relações. Significa, em alguma medida, uma ruptura com as formas anteriores de fazer ciência.

Essa ruptura foi descrita por Kuhn (1975) como uma "revolução científica". Dito de outro modo, quando os esquemas conhecidos já não são suficientes para explicar a complexidade do mundo e suas relações, surge a necessidade de novos paradigmas, pois a história da ciência aparece não como um progresso contínuo e cumulativo, mas como uma série de revoluções desracionalizantes, provocando, cada uma, nova racionalização.

Os trabalhos do matemático estadunidense Norbert Wiener, conhecido como fundador da cibernética, uma teoria referente às máquinas autônomas, do médico inglês William Ross Ashby e do biólogo, pensador sistêmico e epistemólogo da comunicação inglês, Gregory Bateson foram as vias de acesso de Morin para começar a pensar a complexidade.

O conhecimento dos processos auto-reguladores, introduzido por Wiener, apresenta a idéia de retroação, que rompe com o princípio de causalidade linear e admite, a partir de então, a idéia de círculo causal, ou seja, a causa age sobre o efeito e o efeito sobre a causa (Morin, 1999; Morin & Le Moigne, 2000). O círculo de retroação de Wiener, denominado *feedback*, permite, sob a sua forma negativa, estabilizar um sistema e reduzir o desvio. Sob sua forma positiva, o feedback funciona como um mecanismo amplificador. Tais comportamentos, inflacionistas ou estabilizadores, podem ser associados a diversos fenômenos econômicos, sociais, educacionais, políticos e psicológicos (Morin, 2008b).

A Teoria geral dos sistemas formulada pelo biólogo austríaco Ludwig von Bertalanffy, na década de 50, possui como ideia central que um conjunto de objetos, seja da física, da astronomia, da biologia, da sociologia, átomos, moléculas, células, organismos, sociedades, astros e galáxias é formado por sistemas, ou seja, conjuntos de partes diversas que constituem um todo organizado; onde esse todo é mais que o conjunto das partes que o compõem (Morin, 2008a). Isso significa que existem qualidades emergentes que nascem da organização desse todo e que podem retroagir sobre as partes. Para Morin (2007), o todo é igualmente menos do que a soma das partes, porque as partes podem ter qualidades que são inibidas pela organização do conjunto.

A teoria dos autômatos auto-organizadores do matemático húngaro John von Neumann propõe que a organização viva tem a propriedade de se manter e de se desenvolver não somente apesar da desordem, mas com ela, utilizando as degradações moleculares ou celulares para se auto regenerar (Morin, 2003). Além disso, von Neumann apontou o paradoxo que diferencia máquina viva (autoorganizadora) e máquina artificial ou artefato (organizada).

A máquina artificial constitui-se de elementos confiáveis (motor, peças), de materiais mais duráveis e resistentes, porém, seu conjunto é menos confiável do que cada um de seus elementos considerados isoladamente, pois, basta a alteração de um dos constituintes para que o conjunto pare e necessite de uma intervenção externa. Já as máquinas viventes possuem outro comportamento; seus componentes são pouco confiáveis, pois moléculas e proteínas se degradam sem cessar. No entanto, pode-se observar em um organismo que as moléculas morrem e se renovam, a tal ponto que um organismo, em certas espécies, pode regenerar até órgãos inteiros (Morin, 2007, 2008a).

A máquina artificial não pode consertar-se, auto-organizar-se, desenvolver-se, enquanto a máquina viva pode regenerar-se a partir da morte de suas células, segundo a

fórmula de Heráclito: “viver de morte, morrer de vida” (Morin, 2003, 2007, 2008a; Morin & Le Moigne, 2000).

A contribuição do cientista austríaco Heinz von Foerster foi, além de ter revelado a noção de auto-organização, a descoberta do princípio de “ordem pelo barulho” (*order from noise*) que revela que, em certas condições de desordem, pode-se produzir organização (Morin, 2003, 2008a; Morin & Le Moigne, 2000).

As leituras dos trabalhos do químico russo Ilya Prigogine sobre a constituição de estruturas dissipativas em condições termodinâmicas distantes do equilíbrio e a termodinâmica de processos irreversíveis (Prigogine, 1996; Prigogine & Stengers, 1987) introduziram na bagagem cultural de Morin outra forma de conceber a ideia de organização a partir da desordem.

A partir disso, o que podemos pensar em termos de Psicologia Social?

Os princípios da ciência clássica que postulam a existência de uma realidade a ser conhecida através de métodos seguros e independentes do sujeito que observa e constrói o fenômeno em estudo, vêm promovendo indagações. Como se conduzir a ideia, por exemplo, de ordem universal em um universo onde a ordem não é absoluta, ou a separabilidade é limitada, onde a lógica comporta buracos? (Moigne & Morin, 2000).

Tal questionamento feito, inicialmente, no âmbito das ciências exatas, como já mencionamos, impõe cada vez mais um desafio epistemológico para a Psicologia Social – tanto em suas definições teóricas quanto em suas consequências metodológicas – no sentido de repensar o conhecimento que produz na tentativa de compreender o dinamismo da realidade, na qual o homem se insere como um sujeito social, biológico, cultural e histórico ao mesmo tempo (Prigogine & Stengers, 1987; Schnitman, 1996).

Começa-se a adotar como suporte uma concepção de ciência que propõe a complexificação, a pluralidade teórico-metodológica (rompendo o falso dilema de evocar um

objeto e evocar uma unicidade para dar conta da complexidade do real), a intersecção de diferentes áreas do conhecimento e a prática interdisciplinar. Há, ainda, uma preocupação ética em relação aos seus compromissos éticos e políticos, bem como a relativização das noções individual x social, científico x político que se interpenetram (Tittoni & Jaques, 1998).

Segundo Morin (2010), a complexidade é um desafio para o conhecimento e não uma solução. Primordialmente, para esse autor, a complexidade é aquilo que não pode ser reduzido a uma descrição clara, simples, a uma lei simples. *“El conocimiento complejo intenta reconocer lo que vincula el objeto en su contexto, en efecto el conocimiento es más rico, más pertinente en cuanto se vincula con un hecho, un elemento, una información, un dato dentro de su contexto”* (p. 146).

Além de incorporar a problematização quanto à objetividade científica a partir do questionamento do critério de verdade como “verdade-absoluta”, qualificada criticamente por Morin (1986, p.79) como “ciência-solução”, “ciência-farol” ou “ciência-guia”; problematiza-se também quanto à neutralidade do cientista e a conseqüente separação entre teoria e prática social. Assim, pesquisa em psicologia social, nos anos 90 assume outras peculiaridades.

Essas ideias trazem efeitos importantes para a pesquisa e a construção do conhecimento em Psicologia social, alterando a forma de conceber e realizar a pesquisa nessa área. Ao tomar como pressuposto a complexidade, a relativização da verdade, a não neutralidade do pesquisador pressionam para transformações importantes no desenho da pesquisa, coleta, análise e interpretação.

Podemos pensar, nesse sentido, que a separação entre processos sociais e individuais talvez não seja fruto das características do objeto de estudo da psicologia social, mas das diferentes formas como abordamos a produção do conhecimento nesse campo, como vimos em sua história. Essa concepção de ciência que rege a fundação da Psicologia como

disciplina independente, segundo Tittoni e Jacques (1998), compõe o cenário que vai definir o que é pesquisar em Psicologia e em Psicologia Social e é onde irão se estabelecer os parâmetros de cientificidade para os estudos sobre o social.

Contudo, para o pensamento complexo, uma teoria é incapaz de dar conta do conhecimento do real como um todo e muito menos fornecer todas as respostas passíveis de serem levantadas. Há sempre, segundo Tittoni e Jacques (1998), uma opção teórica adotada pelo pesquisador que irá nortear suas escolhas metodológicas. Assim, os procedimentos metodológicos não são vistos como técnicas desvinculadas dos pressupostos derivados da teoria, mas como estratégias utilizadas pelo pesquisador para integrar o empírico e o teórico.

A partir dessas reflexões nos damos conta de que o conhecimento que produzimos até então, por vezes, se equivoca, não porque não possua informação suficiente, mas porque não é capaz de ordenar as informações e os saberes, tendo dificuldade de contextualizá-los. É um conhecimento que conduz, geralmente, a ações fragmentárias, pois tem a tendência de reduzir a complexidade dos fenômenos.

Reconhecemos, no entanto, que esse conhecimento é necessário, bem como os frutos que dele nasceram e poderão ainda nascer. No entanto, acreditamos numa perspectiva que se propõe a unir conceitos que parecem lutar entre si, propondo a multidimensionalidade.

Então, o pensamento complexo propõe a religação/organização dos saberes, um processo no qual os diferentes saberes se interligam e no qual possuem igual importância. De uma forma ou de outra, a dicotomia indivíduo *versus* sociedade permanece em Psicologia Social apesar de já termos avançado bastante como temos argumentado. Porém, ainda estamos diante da seguinte questão: ou o ser humano é completamente biológico ou o ser humano é completamente social, histórico e construído.

Novamente iremos recorrer ao pensamento complexo, pois o ser humano, efetivamente não se encontra no puramente racional nem no puramente demente, no nível

apenas biológico, nem só no social, nem tão pouco no puramente psicológico-social. O ser humano emerge da dialógica e da recursividade entre esses diferentes níveis. Quando se tenta reduzir a complexidade humana a um único desses níveis, não apenas se dissolve a complexidade, mas também o ser do homem (Roger, 1999).

### **Considerações Finais**

Ao longo do artigo, percebemos como o conhecimento em Psicologia Social foi se construindo a partir daquilo que era tido como conhecimento científico. A busca de leis (ou da essência para os gregos), generalizações e reducionismos foram importantes para que esse campo fosse se constituindo como ciência. No entanto, os desenvolvimentos em outras áreas, bem como o dinamismo da sociedade foram sendo importantes para que um novo tipo de pensamento se constituísse e promovesse reflexões acerca das concepções vigentes.

O pensamento complexo é um desafio ao conhecimento na medida em que reconhece a impossibilidade de uma teoria dar conta da realidade. Esse pensamento reconhece a incerteza, a instabilidade, a religação/organização dos saberes e a não neutralidade e isso tem implicações epistemológicas e práticas no campo da Psicologia Social.

A complexidade concebe seus objetos de estudo de forma sistêmica, levando em conta os elementos que o compõem, as relações entre eles e as propriedades que nascem dessa relação. Isso, necessariamente, demanda a implementação de métodos de estudo complexos que caminhem permanentemente entre o pensamento analítico e o sistêmico. Propõe igualmente que se incluam a complementaridade do qualitativo e quantitativo, do pensar linear e causal com o pensar sistêmico.

## Referências

- Allport, F. H. (1924). *Social psychology*. Boston: Houghton- Mifflin.
- Álvaro, J.L. & Garrido, A. (2006). *Psicologia Social: Perspectivas psicológicas e sociológicas*. São Paulo: McGraw-Hill
- Bachelard, G. (1968). *O novo espírito científico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Barros, R. D. B. (2007). *Grupo: a afirmação de um simulacro*. Porto Alegre: UFRGS Editora.
- Bock, A. M. B., Ferreira, M. R., Gonçalves, M. G., & Furtado, O. (2007). Sílvia Lane e o projeto do “Compromisso Social da Psicologia”. *Psicologia Social, 19*(Esp. 2), 46-56.
- Bourdieu, P. (1998). *Contrafogos*. Rio de Janeiro: JZE.
- Capra, F. (1982). *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix.
- Cartwright, D. (1979). Contemporary social psychology in historical social. *Psychology Quarterly, 42*(1), 82-93.
- Crescenzo, L. (2012). *História da filosofia Moderna* [recurso eletrônico]: De Nicolau de Cusa a Galileu Galilei. Trad. Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco Digital.
- Descartes, R. (1989). *Discurso do método*. (E. M. Marcelina, Trad.). São Paulo/Brasília, Ática: UnB. (Trabalho original publicado em 1639).
- Dilthey, W. (2004). *História da filosofia*. Cidade: Hemus.
- Domingues, I.(1991). *O grau zero do conhecimento. O problema da fundamentação das ciências humanas*. São Paulo: Loyola.
- Farr, R. M.(2002). *As raízes da psicologia social moderna: 1872-1954*. (5.ed.). Petrópolis: Vozes.
- Ferreira, M. C.(2011). Breve história da moderna psicologia social. In: N. Torres (Org.), *Psicologia Social: principais temas e vertentes*,13-30, Porto Alegre: Artmed.
- Foucault M. (1999). A psicologia de 1850 a 1950. In M. Foucault (Org.), *Ditos e Escritos I*, 122:139, Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1957).
- Foucault, M.. (1987). *A arqueologia do saber*. Rio de janeiro: Forense-Universitária.
- Freud, S. (1970). *Psicologia das Massas e análise do eu*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).
- Guareschi, P. A. (2004). *Psicologia social crítica como prática de libertação*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Kamkhagi, V. R., & Saidon, O. (Orgs.). (2002). *Análise institucional no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos.

- Krüger, H. (1986). *Introdução à psicologia social*. São Paulo: E.P.U.
- Kuhn, T.. (1989). *A estrutura das revoluções científicas*. (3.ed). São Paulo: Perspectiva.
- Lane, S. T. M. (1981). *O que é a psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.
- Lane, S. T. M. (1982). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense.
- Marcondes, D. (2000). *Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. (2.ed).  
Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Marcondes, D. (2001). *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos à Wittgenstein*.  
(6.ed). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Moigne J. L. L., & Morin, E. (2000). *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Fundação  
Petrópolis.
- Morin, E (2003). *O Método V - A humanidade da humanidade: a identidade humana*. Lisboa:  
Europa-América.
- Morin, E. (1986). *O Método: o conhecimento do conhecimento*. Lisboa: Europa-America.
- Morin, E. (1996). *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro Bertrand Brasil.
- Morin, E. (1999). *O Método II - A vida da vida*. Lisboa: Europa-América.
- Morin, E. (2007). *Introdução ao pensamento complexo*. (3.ed). Porto Alegre, RS: Sulina.
- Morin, E. (2008a). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*.(14.ed).  
Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2008b). *Ciência com consciência*. (11.ed). Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2010). *Mi camino: la vida y la obra del padre del pensamiento complejo*. España:  
Gediza Editorial.
- Morin, E., & Prigogine, I. (2000). *A sociedade em busca de valores*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Moscovici, S. (2003). *As representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Munné, F. (2004). *El retorno de La complejidad y la nueva imagen del ser humano: hacia  
una psicologia compleja*. Revista Interamericana de Psicologia. 38(1), 23-31.
- Oliveira, A. L.de. (1998). A descoberta da razão. Do mito ao logos. Estado de Minas,  
*Caderno Pensar*, 1-3.
- Price, D. S. (1976). *A ciência desde a Babilônia*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- Prigogine, I. (1996). *O fim das certezas: tempo caos e as leis da natureza*. São Paulo: UNESP.
- Prigogine, I., & Stengers, I. (1987). *A nova aliança*. Lisboa: Gradiva.
- Reich, B., & Adcock, C. (1976). *Valores, atitudes e mudança de comportamento*. Rio de  
Janeiro: Zahar Ed.
- Rodrigues, A. (1979). *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes.

- Roger, E. (1999). Uma antropologia complexa para entrar no século XXI: chaves de compreensão. In E. P. De, & A. Pena-Veja (Orgs.), *O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade.*( pp. 89-106). Rio de Janeiro: Garamond.
- Rossi, P. (1992). *A ciência e a filosofia dos modernos.* São Paulo: Unesp.
- Sá, C. P. (2002). *O núcleo central das representações sociais.* Rio de Janeiro: Vozes.
- Santos, B. S. (1989). *Introdução a uma ciência pós-moderna.* Rio de Janeiro: Graal.
- Schnitman, D.F. (1996). Introdução: ciência, cultura e subjetividade. In: D. F. Schnitman (Org.), *Novos Paradigmas,* (pp.9-21), Cidade: Editora.
- Schultz, D., P, & Schultz, S., E. (2001). *História da Psicologia Moderna.* São Paulo: Cengage Learning.
- Spink, M. J. P. (1993). O conceito de representação social na abordagem psicossocial. *Cadernos de Saúde Pública,* 9(3), 300-308.
- Tittoni, J., & Jacques, M.G.C. (2002). *Pesquisa.* In: Jacques, M. G. C., Fonseca, T. M. G., Bernarde, N. M. G., Sérgio, A. C., Guareschi, P. A., & Strey, M. N. (Orgs.), *Psicologia social contemporânea, livro-texto,*(pp.73-88). Rio de Janeiro: Vozes.
- Tittoni, J., & Jacques, M. da G. C. (1998). *Pesquisa.* In M. Strey et al. (Org.), *Psicologia Social Contemporânea: livro-texto* (pp.73-85). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Vasconcellos, M J. E de (2002). *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência.* Campinas, SP: Papirus.
- Veyne, P. (2009). *Foucault o pensamento a pessoa.* Lisboa: Pilares.

## **ARTIGO II: AS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO COMPLEXO PARA A PSICOLOGIA SOCIAL E O ENTENDIMENTO DOS PEQUENOS GRUPOS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Luciara Gervasio Itaquí

Mary Sandra Carlotto

**Resumo:** A Psicologia Social abandona as noções europeias de massa e de coletivo para usar a noção de grupo ou microgrupo. A partir disso, o pequeno grupo configura-se como um objeto de estudo possível para a Psicologia Social. O intuito inicial era melhor adaptar os indivíduos, visando tanto ao aumento de produtividade, quanto de controle. Atualmente o pequeno grupo passa a ser compreendido como um caminho ou um método para produzir tecnologias na atenção às necessidades comunitárias, institucionais e da saúde. No entanto, o estudo desse objeto compreende diferentes teorias e métodos nos quais ora é compreendido como um sistema mecânico, ora como relações num sistema complexo. A partir de uma revisão integrativa de artigos pesquisados em 11 bases de dados foi possível compreender que o Pensamento Complexo propõe uma revisão epistemológica à Psicologia Social, bem como propõe um novo entendimento para os pequenos grupos. Nesse sentido, a partir dos pequenos grupos foi possível captar-se algo do local, mas também do global num exercício recursivo de ligar e religar saberes. Foi possível perceber também o esforço realizado pelos autores dos artigos, que embasados em autores da Complexidade, buscavam conceber a unidade/multiplicidade do objeto em vez de heterogeneizar em categorias separadas ou de homogeneizar em indistinta totalidade. Além disso, foi possível perceber, por parte dos autores, o reconhecimento dos traços singulares, originais e históricos do fenômeno em estudo, ao invés de ligá-los pura e simplesmente a determinações ou leis gerais.

**Palavras-chave:** Psicologia social, grupos, pequenos grupos, Pensamento Complexo.

## **The Contributions of Complex Thinking for Social Psychology and the Understanding of Small Groups: An Integrative Review**

**Abstract:** Social Psychology abandons European notions of collective and mass behavior to use the notion of group or microgroup. From this understanding, the small group configures itself as an object of study for Social Psychology. The initial purpose was to better align the individuals, aiming at both increasing productivity and control. Currently, small groups shall be understood as a way or a method to produce technologies in attention to community, institutional and health needs. However, the study of this object comprises different theories and methods in which it is understood as a mechanical system or as relationships in a complex system. From an integrative review of articles searched in 11 databases, it was possible to understand that Complex Thinking proposes an epistemological revision to Social Psychology as well as a new understanding for small groups. In this sense, from small groups, it was possible to capture something from local, but also from global perspective in a recursive exercise of connecting and reconnecting knowledge. It was also possible to realize the efforts made by the authors of the analyzed articles who, based on authors of Complexity, sought to conceive the unit/multiplicity of the object instead of heterogenizing it in separate categories or homogenizing it in indistinct whole. In addition, it was possible to notice the effort undertaken by the authors to recognize the singular, unique and historical traits of the phenomenon under study rather than simply connect them to determinations or general laws.

**Key-words:** Social Psychology, Groups, Small Groups, Complex Thinking

## **Introdução**

Acerca de um século, o pequeno grupo passou a se construir como um objeto de estudo possível de diversas disciplinas e mais recentemente, passa a ser compreendido como um caminho ou um método para produzir tecnologias na atenção às necessidades comunitárias, institucionais e da saúde. No entanto, o estudo desse objeto compreende diferentes teorias e métodos nos quais, ora era compreendido como sistema mecânico, ora como relações.

O advento do Pensamento Complexo na ciência propõe uma nova ótica para o estudo dos fenômenos da vida, o que traz reverberações importantes para o campo da Psicologia Social. Nosso objetivo nesse trabalho é compreender quais as contribuições que o Pensamento Complexo produz no campo da Psicologia Social, bem como que contribuições produz na compreensão dos pequenos grupos. Isso será realizado a partir de uma revisão integrativa de artigos publicados no período de 2007 a 2012 indexados em 11 bases de dados.

### **Os pequenos grupos e a Psicologia Social**

Na obra *Em Grupo: A afirmação de um Simulacro*, Barros (2007), mostra que o trabalho de Mayo, em 1924, na Western Electric Company, foi o estopim para o entendimento dos pequenos grupos como dispositivos de melhor produtividade e que terá seu avanço nas duas perspectivas psicológicas fundadas em solo estadunidense. A partir disso, o grupo se configura como um objeto de estudo possível para a Psicologia Social (Barros, 2007; Farr, 2002).

É interessante observarmos, conforme Barros (2007), como a Psicologia Social estadunidense abandonou as noções europeias de massa e de coletivo para usar a noção de grupo. Ela irá basear suas análises em grupos ou microgrupos, como salienta Krüger (1986),

com o intuito inicial de melhor adaptar os indivíduos, visando tanto ao aumento de produtividade, quanto de controle.

Assim, podemos afirmar que o pequeno grupo não é uma invenção social recente e que o seu estudo atualmente permite compreendermos os modos de organização social, bem como propormos métodos para abordar questões inerentes à vida cotidiana. O pequeno grupo surge no interstício paradoxal indivíduo/sociedade, como um recorte tangível do social que viabiliza o exercício do diálogo e da troca de experiência, sendo marcado pela valorização do indivíduo que está implicado intrínseca e diretamente com o social (Seminotti, 2000).

### **Determinismo, sistema, circularidade e complexidade**

Atribui-se, de acordo com Zimmerman (2000), a Pratt o nascedouro do pequeno grupo e à Moreno a criação do termo “psicoterapia de grupo”. Para Luft (1968), o início do estudo dos pequenos grupos, é associado também a Kurt Lewin na primeira metade do século XX. A expressão “dinâmica de grupo” foi utilizada por Lewin, demonstrando que os grupos não são estáticos, sendo mais e diferentes do que a soma de suas partes. Para o autor, há mudanças no grupo que são produzidas e influenciadas pelas relações e que só podem ser compreendidas através do todo dinâmico.

Em contrapartida autores como Bion (1970) e Pichon-Rivière (1988) afirmam que a dinâmica do grupo tende a ser uma reprodução da configuração familiar de seus membros. Esses autores pressupõem que há uma estrutura individual que se faz presente perenemente. Isto é, nas relações intragrupo as histórias individuais primitivas de seus membros têm forte influência e tendem a definir os processos grupais.

Percebemos que essas teorizações possuem em seu cerne a dicotomia indivíduo/grupo, bastante recorrente em Psicologia Social. Para Hernandez e Santos (2011), a separação entre conhecimento e contexto é parte do caminho que possibilitou a emergência da

modernidade e sua Psicologia específica. Assim, o objetivo da maioria dos estudos produzidos tem se associado à intenção de estabelecer princípios gerais na descrição, na explicação e no prognóstico de eventos sociais e condutas humanas.

Essas teorizações, frutos da ciência moderna, tem como marco importante o positivismo, que pretende/pretendia explicar a realidade, como afirma Capra (1996), a partir da metáfora do relógio, concebendo os fenômenos da vida a partir de uma ótica mecânica. A problemática da complexidade ainda é marginal no pensamento científico, conforme afirma Morin (2007a). No entanto, tem se mostrado rica e frutífera no que diz respeito à compreensão dos fenômenos da vida.

### **Rumo ao Pensamento Complexo**

Toda a construção teórica, segundo Morin (2007a), subentende a história de vida de quem a compôs, reluz seu modo de pensar, perceber, interpretar e compreender a realidade de modo único, constituído ao longo da caminhada do seu artífice (Princípio da reintrodução do conhecimento). Dessa forma, o construto epistemológico da complexidade tem sua base construída a partir de três teorias surgidas nos anos de 1940: a Teoria da Informação, a Cibernética e a Teoria dos Sistemas, as quais influenciaram Morin em seu caminho de construção do Pensamento Complexo.

A Teoria da Informação é uma ferramenta para o tratamento da incerteza, da surpresa, do inesperado, porque, de acordo com Morin e Le Moigne (2000) “permite entrar em um universo onde existem ao mesmo tempo a ordem (a redundância), a desordem (o bruto) e extrair o novo (a informação). Além disso, a informação pode assumir a forma organizadora (programadora) no seio de uma máquina cibernética”.

A Cibernética, por sua vez, veio expressar outro princípio da Complexidade adotado por Morin, o Princípio Retroativo. Através desse conceito rompe-se com o princípio de

causalidade linear, pois não somente a causa age sobre o efeito, mas o efeito retroage de maneira informacional sobre a causa, permitindo a autonomia organizacional do sistema.

A Teoria dos Sistemas introduz outro princípio da Complexidade eleito por Morin, que é o Princípio Sistêmico ou Organizacional, que permite ligar o conhecimento das partes com o conhecimento do todo e vice-versa. Sabe-se que, de um ponto de vista sistêmico-organizacional, o todo é mais do que a soma das suas partes.

Esse ponto de vista mais do que designa os fenômenos qualitativamente novos a que chamamos de emergências. Essas emergências são efeitos organizacionais, ou seja, o produto da disposição das partes no seio da unidade sistêmica. Por outro lado, embora o todo seja mais do que a soma das partes, o todo é igualmente menos do que a soma das partes. Esse “menos”, segundo Morin (2000), se refere às qualidades que se encontram restringidas e inibidas pelo efeito da retroação organizacional do todo sobre as partes. Em contrapartida, como vimos, em meio ao processo sistêmico organizacional podem surgir fenômenos, qualidades novas, que denominamos emergências, e que não estavam previstos anteriormente.

Também a partir da Teoria dos Sistemas, Morin assume outro princípio da Complexidade, que é o Princípio da Auto-eco-organização: autonomia/dependência, pois o conceito de autonomia só pode ser concebido a partir de uma teoria de sistemas ao mesmo tempo aberta e fechada; um sistema que funciona precisa de uma energia nova para sobreviver e, portanto, deve captar essa energia no ambiente. A autonomia se fundamenta na dependência do ambiente, e o conceito de autonomia passa a ser um conceito complementar e antagônico ao da dependência.

Morin também é influenciado pelas ideias de Von Newmann, Von Foerster e Prigogine. Von Newman, em sua teoria dos autômatos autorreprodutores, colocou a questão da diferença entre máquinas artificiais e máquinas vivas. A contribuição de Von Foerster reside na sua descoberta do princípio da Ordem pelo barulho (*order from noise*).

Prigogine defendeu, de acordo com Morin (2000), que o organismo vivo mantém seus processos vitais em condições de não equilíbrio e, à medida que o sistema se afasta do equilíbrio, ele atinge um ponto crítico de instabilidade a partir do qual emerge um novo padrão ordenado. O autor suplementou mais três princípios da Complexidade, somando sete. Esses novos princípios são: o Dialógico, o Recursivo e o Hologramático, que discutiremos mais adiante.

Se, pelo viés da cosmologia moderna, o ser humano se situa/situava em um universo materialista, mecânico, linear, determinista e fragmentado, a nova cosmologia emergente o posiciona em um universo onde todos os fenômenos mantêm uma relação de interdependência, de interatividade e de inter-retroatividade. Em suma, numa realidade transpassada de incertezas, imprevisibilidade, acasos, contradições, ou seja, complexa. Nesse sentido, conforme a definição de Morin (2007)

[...] a um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (complexus: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico [...] (p. 13-14).

Assim, o pensamento complexo visa mover, conjugar, articular os diversos saberes compartimentados nos mais variados campos do conhecimento, sem perder a essência e a particularidade de cada fenômeno, religando matéria e espírito, natureza e cultura, sujeito e objeto, objetividade e subjetividade, arte, ciência, filosofia. Considera igualmente o pensamento racional-lógico-científico e o mítico-simbólico-mágico.

O pensamento complexo se estabelece como requisito para o exercício da interdisciplinaridade.

## **Os pequenos grupos e o Pensamento Complexo**

Pensar de forma complexa traz consequências importantes no que diz respeito ao estudo dos pequenos grupos. Diferentemente de um sistema mecânico que não opera pelo defeito numa peça e que volta a operar com a substituição dela, a um sistema vivo importa mais as relações entre as unidades do que as próprias unidades. As emergências, que nascem dessas interações, retroagem sobre o todo e as partes e produzem outros devires e novas organizações e, assim, sucessivamente (Morin, 2002).

Pensar do ponto de vista complexo implica a consideração de que há também no grupo uma relação com o ambiente/contexto que é um sistema, sendo ele próprio, o grupo e as pessoas que fazem parte dele sistemas. Isso significa dizer, segundo Alves e Seminotti (2006) que, segundo o ponto de vista do observador, o pequeno grupo é ambiente para a pessoa que é um sistema e, pelo mesmo raciocínio, o contexto é sistema para o pequeno grupo, e vice versa.

Isso significa, também, pensar que o pequeno grupo não tem, necessariamente, um destino previamente traçado. Esse destino pode ser mudado pela pluralidade de sistemas em interação, que independe de um programa traçado previamente. “Na perspectiva do pensamento complexo, sujeito, pequeno grupo e contexto maior são constitutivos uns dos outros a um só tempo, produzindo-se mutuamente, pois cada um abre-se ao outro” (Alves & Seminotti, 2006, p. 32).

A noção de pequeno grupo, apresentada no presente estudo, acompanha a conceituação dos teóricos de grupos que consideram como característica importante o fato de que, nele, é propiciado aos indivíduos/sujeitos que todos se vejam e se ouçam simultaneamente, conheçam-se e reconheçam-se em suas singularidades e diversidades, devido ao número reduzido de participantes (Seminotti, 2000; Alves & Seminotti, 2006). Isso significa dizer que, mais importante do que o número de pessoas é o modo através do qual se

organizam. Esse critério diferencia o pequeno grupo do grupo social, por exemplo, que possui maior número de pessoas.

Então, pensar o pequeno grupo através das lentes da complexidade nos faz refletir, especialmente sobre o conjunto das unidades em relação. Quer dizer, um sistema é um conjunto de unidades, porém mais importante do que o conjunto, são as interações, as interdependências entre as unidades. Estas são indivisíveis e autônomas e, ao mesmo tempo, interdependentes.

Portanto, o pequeno grupo é constituído por indivíduos autônomos, mas também interdependentes pelas ações e retroações que se estabelecem entre si (Alves & Seminotti, 2006). Essa compreensão ultrapassa o entendimento de Lewin, na medida em que ele não enfatiza a presença da autonomia individual no contexto grupal, ao afirmar que o indivíduo é função da dinâmica grupal.

Para Alves e Seminotti (2006), o Pensamento Complexo avança também com relação às compreensões de Bion e Pichon-Rivière na medida em que considera que no pequeno grupo são possíveis as emergências. Assim, esse microssistema não necessariamente precisa funcionar conforme uma determinada estrutura previamente estabelecida, sendo consequência das reatualizações dos conflitos inconscientes de seus membros.

A compreensão complexa afirma que no sistema pequeno grupo, as interrelações são motivadas pelas singularidades e diversidades dos sujeitos, pelo próprio sistema pequeno grupo e pelas relações produzidas, gerando processos de organização e desorganização, de subjetivação e sujeição, de ordem e caos. A organização resulta na ligação dos indivíduos/sujeitos que constituem o sistema, confirma a interdependência entre eles, define uma relação de compromisso com normas, valores e objetivos comuns, produz e mantém a singularidade e a identidade do sistema pequeno grupo (Alves & Seminotti, 2006).

Morin (2003) propõe sete princípios norteadores importantes na análise/compreensão dos fenômenos e das multidimensionalidades. Trata-se de princípios complementares e interdependentes e que pressupõem uma articulação entre o pensamento moderno e a complexidade (Morin, 1996; Morin & Prigogine, 2000).

1. *O princípio sistêmico ou organizacional* que liga o conhecimento das partes ao todo;
2. *o princípio holográfico* que enfatiza que não apenas a parte está no todo, mas também o todo está inscrito na parte;
3. *o princípio do circuito retroativo* que rompe com a causalidade linear, pois a causa age sobre o efeito e o efeito sobre a causa;
4. *o princípio do circuito recursivo* no qual produtos e efeitos são eles mesmos produtores e causadores daquilo que os produz;
5. *o princípio da autonomia/dependência (auto-organização)* que afirma que para ser autônomo e auto-organizar-se o sistema depende do meio no qual está inserido;
6. *o princípio dialógico* que permite assumir racionalmente a inseparabilidade de noções contraditórias para conceber um mesmo fenômeno complexo e, finalmente;
7. *o princípio da reintrodução do conhecimento* que preconiza a ideia de que todo o conhecimento é uma reconstrução/tradução feita por uma mente/cérebro em uma cultura e época determinadas, enfatizando a inter-relação entre pesquisador e objeto do conhecimento.

Pelo exposto, para atender aos objetivos do estudo, foi realizada uma revisão integrativa da literatura. A revisão integrativa também é conhecida como metassíntese ou

revisão sistemática qualitativa. Esse método, segundo Lopes e Fracoli (2008), seria a integração interpretativa de todos os artigos pesquisados. A integração interpretativa será norteada a partir dos sete princípios propostos por Morin para a compreensão da complexidade.

### **Caminho metodológico**

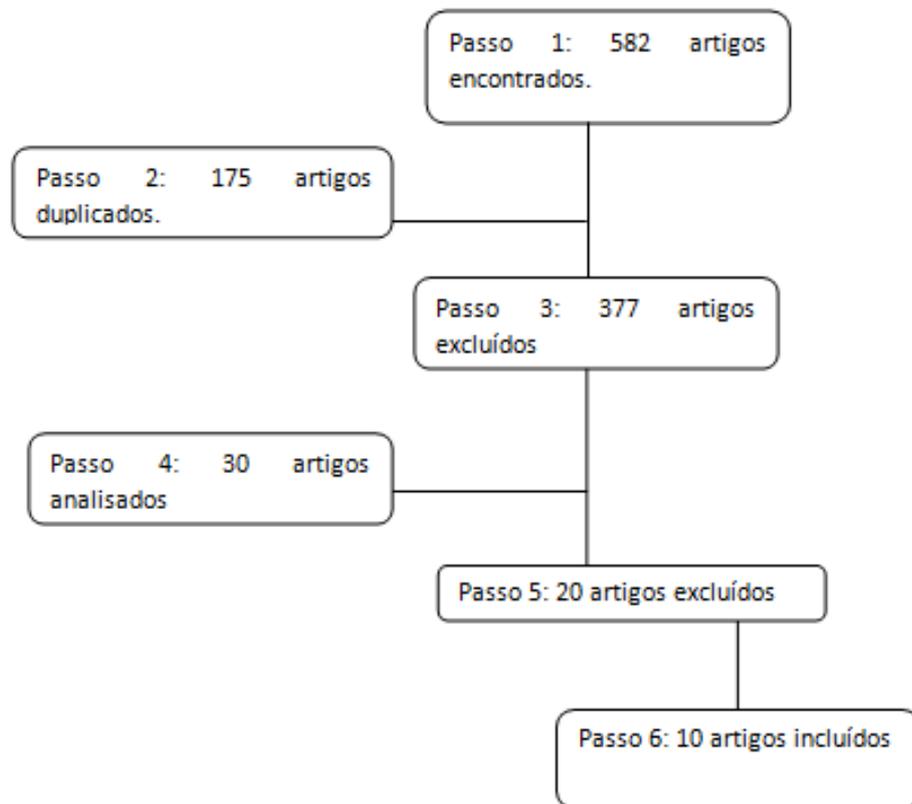
A pesquisa dos artigos foi realizada nos meses de julho e agosto de 2013, considerando-se o período de publicação de 2007 a 2012 em língua inglesa, espanhola e/ou portuguesa nas seguintes bases de dados: PEPSIC, LILACS, CLASE, SCIELO BRASIL, Redalyc, PsycINFO, MEDLINE, Social Science Journal, ERIC, SocIndex e CINAHL. Essas bases foram escolhidas em função da acessibilidade e por contemplarem estudos de diversas disciplinas.

Como critério de inclusão os artigos pesquisados deveriam abordar o conceito sócio histórico do pequeno grupo, bem como tratar sobre temas contemporâneos e epistemológicos; o grupo como um método na contemporaneidade. Além disso, deveriam conter os seguintes descritores em seus resumos: “complex taught”, “complex”, “small groups”, “groups”, “systemic epistemology”, “systemic paradigm”.

Inicialmente, levantamos o número de artigos para cada um dos descritores nas bases, e em seguida os descritores foram associados com o objetivo de estreitar ainda mais a busca almejada. Os artigos que não obedeceram ao período preestabelecido e que estavam duplicados foram excluídos. Resumos de livros, dissertações e teses foram igualmente excluídos.

## Resultados

Durante a pesquisa dos artigos foi possível perceber o quanto a complexidade tem sido amplamente utilizada nas diversas áreas do conhecimento, embasando não somente teórica e epistemologicamente, mas metodologicamente os estudos. A figura 1 nos ajuda a compreender sinteticamente como foi



**Figura 1.** Fluxograma do Processo de Seleção e Compreensão/Análise

Os artigos estão distribuídos em revistas das áreas da Administração, Enfermagem, Psicologia e numa revista interdisciplinar que aborda temas das áreas da Comunicação, Saúde e Educação. O quadro 1 mostra os 10 artigos publicados.

**Quadro 1.** Artigos incluídos

| <i>Título do artigo</i><br><i>Autores</i><br><i>Ano</i><br><i>Revista</i>   | <i>Ano</i><br><i>Revista</i> | <i>Campo de estudo</i><br><i>Formação do(s)</i><br><i>pesquisador(es)</i>   | <i>Objetivo</i>  | <i>Método</i>           | <i>Participantes</i>   | <i>Resultados</i>   |
|---|------------------------------|---|--|-------------------------|--|---|
| (1) O sujeito e a coletividade: um caminho transdialógico na saúde coletiva<br><br>Severo, Silvani B. & Seminotti, Nedio A.   | 2007<br>Psicol. Usp          | Psicologia<br><br>Psicologia (Licenciatura) e mestre em Psicologia Social<br><br>Psicólogo e doutor em Psicologia Social                                      | Compreender aspectos facilitadores e dificultadores no processo de ativação da integralidade na ação transdisciplinar em uma equipe multiprofissional na saúde coletiva. | Observação Participante | Equipe multiprofissional de um CAPS da região metropolitana do RS. | Os processos de reflexão transdialógica dos trabalhadores sobre a organização das práticas e dos serviços são facilitadores e a ativação da integralidade é um desafio. |
| (2) Planejando, desenvolvendo e avaliando uma intervenção grupal junto a adolescentes:: uma perspectiva sistêmica<br><br>Murakami, J.K., Filho, J.F.P, Filho, P.C.P.T, Acorinte, A. C. & Napoleão, A.A. | 2007<br>Ver. Eletr. Enf.     | Enfermagem<br><br>Acadêmica de Enfermagem<br><br>Enfermeiro, Mestre e Doutor em enfermagem psiquiátrica<br><br>Enfermeiro<br><br>Enfermeira<br><br>Enfermeira | Descrever e analisar o planejamento, desenvolvimento e avaliação de uma ação educativa junto a um grupo de adolescentes sobre sexualidade e prevenção às IST/aids        | Pesquisa-ação           | Seis adolescentes de uma USF no interior paulista.                 | Reconhecimento por parte das adolescentes como agentes de mudança e protagonistas de suas vidas.  |

|  |   |   |   |  |   |   |
|--|---|---|---|--|---|---|
| <p>(3) Complexidade em Saúde da Família e formação do futuro profissional de saúde</p> <p>Pires-Moretti, R.O</p>                     | <p>2009</p> <p>Interface - Comunicação, Saúde, Educação</p> | <p>Odontólogo, Mestre em saúde na Comunidade e Doutor em enfermagem psiquiátrica.</p>   | <p>Debater a formação do médico, do enfermeiro e do odontólogo e sua adequação à visão ampliada de saúde implicada no SUS/ESF</p>   | <p>Grupos Focais</p>                         | <p>Acadêmicos de Enfermagem, Medicina e Odontologia da Universidade Federal do Amazonas</p>                           | <p>Os cursos investigados estão adequados com as Diretrizes curriculares Nacionais nos aspectos técnicos e profissionais. No entanto, as formações são fragmentadas em especialidades com pouca ênfase no SUS/ESF. Há priorização da técnica e do trabalho individual focado na doença.</p> |
| <p>(4) Cuidando de si, do outro e “do nós” na perspectiva da complexidade</p> <p>Baggio, M.A, Monticelli, M &amp; Erdmann, A. L.</p> | <p>2009</p> <p>Revista Brasileira de Enfermagem</p>         | <p>Enfermeira, Doutora em Enfermagem</p> <p>Enfermeira, Doutora em Enfermagem</p> <p>Enfermeira, Doutora em Filosofia da Enfermagem</p> | <p>Realizar uma prática reflexiva junto aos profissionais de enfermagem sobre o significado das relações de cuidado.</p> <p>Explorar, ampliar, aperfeiçoar os saberes individuais e coletivos sobre o cuidado de si, do outro e “do nós”.</p> | <p>Análise de Conteúdo de cinco oficinas</p> | <p>Enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem de uma unidade clínico-cirúrgica de um hospital universitário</p> | <p>As reflexões emergidas dizem respeito à realidade dos participantes e ao cotidiano das relações de cuidado nos diversos âmbitos que estas ocorrem, extrapolando os limites espaciais e abrangendo a complexidade que interliga as diversas dimensões do cuidado.</p>                     |

|  |                                       |   |  |   |   |   |
|--|---------------------------------------|---|--|---|---|---|
| <p>(5) Compreendendo o ser familiar de criança com Vírus da Imunodeficiência Humana/Síndrome da Imunodeficiência adquirida pelo olhar da complexidade</p> <p>Freitas, H.M.B, Backes, D.S, Pereira, A.D, Ferreira, L.L, Souza, M.H.T, Marchiori, M.R.C &amp; Erdmann, A.L</p> | <p>2010</p> <p>Acta Paul Enferm</p>   | <p>Enfermagem</p> <p>Enfermeira (Mestre em Enfermagem)</p> <p>Enfermeira e Doutora em Enfermagem</p> <p>Enfermeira, Mestre em Enfermagem</p> <p>Enfermeira, Mestre em Enfermagem</p> <p>Enfermeira, Doutora em Ciências</p> <p>Enfermeira, Mestre em Educação</p> <p>Enfermeira, Doutora em Filosofia da Enfermagem</p> | <p>Compreender o significado do ser familiar de uma criança com Vírus da Imunodeficiência Humana/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida</p>                              | <p>Análise de conteúdo de entrevistas individuais</p>                           | <p>Cinco familiares de crianças com AIDS abrigadas em instituição de apoio em região central do RS.</p> | <p>Evidenciou-se que ser familiar e cuidar de uma criança com AIDS consitui-se num processo complexo que requer uma atitude de cuidado focada no ser humano como um ser uni, complexo e multidimensional.</p> |
| <p>(6) O ensino do cuidar na graduação em Enfermagem sob a perspectiva da complexidade.</p> <p>Silva, Ana Lúcia da &amp; Freitas, Marlene G. de</p>  | <p>2010</p> <p>Rev. Esc. Enf. USP</p> | <p>Enfermagem</p> <p>Enfermeira, Doutora em Enfermagem</p> <p>Enfermeira, Mestre em Ciências</p>  | <p>Reconhecer e descrever como graduandos e recém-graduados de enfermagem identificam o aprendizado teórico-prático para o cuidar sob a perspectiva da complexidade.</p> | <p>Análise de Conteúdo Temática de entrevistas individuais semiestruturadas</p> | <p>Alunos e ex-alunos de um curso de Enfermagem de uma instituição privada da cidade de SP.</p>         | <p>Os entrevistados perceberam e expressaram o cuidar sensível em enfermagem, relacionando e inter-relacionando ao todo e às partes, aproximando-se de um cuidar complexo.</p>                                |

|   |   |  |  |   |  |   |
|---|---|--|--|---|--|---|
| <p>(7) A teoria da complexidade no cotidiano da chefia de enfermagem</p> <p>Pradebon, V.M, Erdmann, A.L, Leite, J.L, Lima, S.B.S &amp; Prochnov, A.G.</p> | <p>2011</p> <p>Acta Paul Enferm</p>                       | <p>Enfermagem</p> <p>Enfermeira. Mestre em Enfermagem</p> <p>Enfermeira, Doutora em Enfermagem</p> <p>Enfermeira e Pedagoga, Doutora em Enfermagem</p> | <p>Revelar as percepções que os membros da equipe de enfermagem da Unidade de Tratamento Intensivo Pediátrica tem sobre o exercício da chefia na unidade</p> | <p>Entrevistas coletivas</p>  | <p>Onze Profissionais da Enfermagem</p>  | <p>Os trabalhadores da enfermagem necessitam reconhecer a complexidade do cargo em seus aspectos incertos, , que fogem da ordem, sendo múltiplos os eventos que desencorajam e fazem os enfermeiros esquivar-se do cargo de chefia.</p> |
| <p>(8) Cuidando do recém-nascido em UTIN: convivendo com a fragilidade do viver/sobreviver à luz da complexidade</p> <p>Klock, P &amp; Erdmann, A.L.</p>  | <p>2012</p> <p>Rev Esc Enf USP</p>                        | <p>Enfermagem</p> <p>Enfermeira, Mestre em Enfermagem</p> <p>Enfermeira, Doutora em Filosofia da Enfermagem</p>  | <p>Compreender o significado do ser e do fazer o cuidado para os enfermeiros de uma unidade de Tratamento Intensivo Neonatal (UTIN)</p>                      | <p>Entrevista aberta a partir da Teoria Fundamentada nos Dados</p>            | <p>Seis enfermeiras da UTIN e cinco mães com seus filhos internados na UTIN.</p> | <p>É necessário exercitar as potencialidades dos profissionais de enfermagem e caminhar ao encontro de novas, um convite a novos modos de cuidar do neonato e sua família e os membros desse sistema complexo.</p>                      |
| <p>(9) Emergindo a complexidade do cuidado de enfermagem ao ser em morte encefálica</p> <p>Pestana, A.L, Erdmann, A.L &amp; Sousa, FF.G.M.de</p>          | <p>2012</p> <p>Escola Anna Nery Revista de Enfermagem</p> | <p>Enfermagem</p> <p>Enfermeira, Mestre em Enfermagem</p>  | <p>Desvelar a complexidade do cuidado de enfermagem aoser morte encefálica</p>   | <p>Entrevistas não estruturadas a partir da Teoria Fundamentada nos Dados</p> | <p>Doze enfermeiros de um hospital universitário do nordeste brasileiro</p>      | <p>O cuidado ao ser em morte encefálica é caracterizado por desordem e incertezas, fazendo com que o enfermeiro vivencie sentimentos diversos e ambivalentes. Sua</p>   |

|  |                                    |  |  |                                 |   |  |
|--|------------------------------------|--|--|---------------------------------|---|--|
|  |                                    | Enfermeira,<br>Doutora em<br>Filosofia da<br>Enfermagem  |  |                                 |   | complexidade está em<br>compreender a sua<br>singularidade e<br>dialogicidade.                     |
|  |                                    | Enfermeira,<br>Doutora em<br>Enfermagem  |  |                                 |   |  |
| (10) Os processos grupais e a gestão de equipes no trabalho contemporâneo: compreensões a partir do pensamento complexo<br><br>Kaspary, Magda C. & Seminotti, Nedio A. | 2012<br><br>Rev. Adm.<br>Mackenzie | Administração<br><br>Administradora e mestre em psicologia social<br><br>Psicólogo e doutor em Psicologia Social | Discutir como os conceitos e propriedades dos sistemas vivos podem ajudar em compreensões sobre o trabalho contemporâneo | Revisão narrativa da literatura | - | A gestão de equipes pode incluir na pauta de trabalho o entendimento sobre seus processos grupais. |

## Discussão

É importante salientar dois aspectos. Primeiramente, os artigos não explicitavam o trabalho com pequenos grupos de forma direta e explícita. No entanto, a partir da análise foi possível perceber que o pequeno grupo fazia parte de seu método e, a partir disso, propunham-se discussões acerca dos temas propostos. Os pequenos grupos eram compostos por pessoas que trabalhavam, estudavam ou frequentavam determinada instituição e foram entrevistadas coletiva ou individualmente.

Embora todos os artigos fundamentem-se no Pensamento Complexo, o que é interessante é a forma como justificam essa fundamentação, pois referem que a partir dele seja possível ressignificar algumas dicotomias herdeiras da ciência tradicional, como por exemplo, saúde/doença (1, 3, 5, 6, 7, 8, 9), conhecimento científico/conhecimento popular (2, 3), cuidado de si/cuidado do outro (4) e objetividade/subjetividade (10). Para os autores, essas dicotomias, de alguma forma, engessam a prática, em função da concepção fragmentada de ser humano.

A palavra dicotomia significa divisão em dois, oposição entre duas coisas. Nesse sentido, duas coisas ou dois conceitos precisam ser separados, pois são considerados opostos, ou seja, incompatíveis. No entanto, a partir do princípio dialógico é possível assumir a inseparabilidade de noções aparentemente contraditórias para conceber um mesmo fenômeno, pois elas existem, sendo ao mesmo tempo antagônicas e complementares. Assim, as dicotomias permitem pensar, segundo Hernandez (2011), sobre novas linhas de ação.

O princípio dialógico nos faz refletir e problematizar, por exemplo, sobre o conceito de ser humano. Para Morin (2003), o conceito de homem tem dupla entrada: uma entrada biofísica e uma entrada psicossociocultural. Essas duas entradas remetem uma à outra. Segundo o autor, como num holograma, trazemos, no âmago de nossa singularidade, não

apenas toda a humanidade, toda a vida, mas também quase todo o cosmo, incluso seu mistério, que, sem dúvida, jaz no fundo da natureza humana.

O autor ainda afirma que a iniciação às novas ciências torna-se, ao mesmo tempo, iniciação a nossa condição humana, por intermédio dessas ciências. No entanto, o desenvolvimento disciplinar das ciências não traz unicamente, de acordo com Morin (2007), as vantagens da divisão do trabalho (isto é, a contribuição das partes especializadas para a coerência de um todo organizador), mas também os inconvenientes da superespecialização: enclausuramento ou fragmentação do saber.

A especialização é discutida pelos artigos 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9. Há um acordo, entre esses autores, de que ela contribui, em alguma medida, para o não diálogo entre as ciências e os campos, acarretando o desenvolvimento de linguagens muito específicas, que tem como consequência, por exemplo, o cuidado fragmentado (8), o reducionismo do ser humano à biologia (3, 5, 6, 8, 9) e as práticas fragmentadas. Assim, cada profissional fica responsável pelo cuidado do objeto de estudo de sua ciência.

Para Morin (2003), a compreensão do Pensamento Complexo concebe que o *Homo sapiens* também é, indissolavelmente, *Homo demens*, que *Homo faber* é, ao mesmo tempo, *Homo ludens*, que *Homo economicus* é, ao mesmo tempo, *Homo mythologicus*, que *Homo prosaicus* é, ao mesmo tempo, *Homo poeticus*. Nessa perspectiva, os fenômenos da vida são ao mesmo tempo econômicos, culturais, biológicos, políticos, psicológicos, etc.

Morin (1996), então, enfatiza que a aspiração à complexidade tende para o conhecimento multidimensional. Ela não tem como pretensão dar todas as informações sobre um fenômeno estudado, mas respeitar suas diversas dimensões, aceitando que elas são sistêmicas, hologramáticas, recursivas, retroativas e dialógicas interdependentemente.

Então, partindo dessa compreensão, os autores (1, 2, 3, 6, 9,) questionam e discutem o reducionismo do ser humano à biologia, bem como a dominância do saber médico e do

modelo biomédico aos demais saberes (1, 2, 3). O modelo biomédico, para Guedes, Nogueira & Camargo (2006), emergiu no século XVII fruto da ciência tradicional e caracteriza-se por considerar apenas os fatores biológicos como as causas das doenças, o que determina os modos de tratamento com cunho exclusivamente médico.

Atualmente, em contrapartida, temos o modelo Biopsicossocial que adiciona os fatores sociais, culturais, econômicos e psicológicos aos fatores biológicos. Esse modelo, de acordo com Guedes et al (2006), caracteriza-se pela inserção de outros profissionais de saúde, além do médico, na atuação no campo de Saúde. A "humanização" do atendimento aos pacientes é um dos princípios, pois eles passam a ser considerados como seres integrais e não apenas como uma parte doente que deve ser tratada.

No entanto, apesar de muitos profissionais assumirem uma visão mais global de ser humano a concepção biomédica ainda prevalece. Como afirma Moretti-Pires (2009), a atuação profissional nessa concepção desconsidera os aspectos biopsicossociais envolvidos e a responsabilidade pela condição de adoecimento é focada no paciente.

Então, se o modelo biomédico prevalece a questão da ação interdisciplinar fica prejudicada não somente na área da saúde, mas entre os diversos campos do saber. Para Vasconcellos (2002), como consequência disso surgem algumas sérias contradições. O estudo do homem é fracionado, desenvolvendo-se, nos departamentos de biologia, o conhecimento científico do homem como ser biológico e, nos departamentos de ciências humanas, o conhecimento científico do homem como ser social e cultural.

Em decorrência disso, para a autora, surgem as seguintes questões: até que ponto são biológicas (ou naturais) e até que ponto são culturais (ou humanas) essas formas de viver? Ou ainda, em que medida é herdada e em que medida é adquirida essa ou aquela característica do ser humano. Essas questões, muitas vezes, são respondidas como se o homem fosse 50% biológico e 50% cultural, obscurecendo-se a possibilidade de ser concebido como 100%

cultural e 100% biológico. Essa compreensão advém do pensamento de Maturana e Varela (2002) que afirmam que o ser humano é social ao ser biologicamente humano.

É importante salientar que o conhecimento científico determinou progressos técnicos inéditos, paralelamente, como afirma Morin (2007a), ao progresso múltiplo da ignorância. A ciência tradicional, de alguma maneira, ainda cultiva o desejo antigo de que através do acúmulo de conhecimento solucionaria os problemas do mundo. No entanto, segundo Morin e Le Moigne (2000), damos-nos conta de que o conhecimento que produzimos até então e que, por vezes, se equivoca, não porque não possui informação suficiente, mas porque não é capaz de ordenar as informações e os saberes existentes.

A partir disso, podemos discutir e problematizar a questão da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade. Morin (2007) compara a interdisciplinaridade à Organização das Nações Unidas (ONU), na medida em que, para ele, a interdisciplinaridade controla tanto as disciplinas quanto a ONU controla as nações. Cada disciplina pretende primeiro fazer reconhecer sua soberania territorial, e, à custa de algumas trocas, as fronteiras confirmam-se em vez de desmoronar.

Para Morin (2007, p.104), a grande questão que se deve pensar e discutir é: “que transdisciplinar é preciso fazer?”, pois o saber é para ser discutido, refletido, meditado e criticado e não armazenado. No entanto, há um problema prévio à transdisciplinaridade que é a dos paradigmas ou princípios que norteiam o conhecimento. Para Kuhn (1989), a ciência não se limita apenas a crescer, ela se transforma.

É preciso um paradigma da complexidade, que, ao mesmo tempo, separe e associe, que conceba os níveis de emergência da realidade sem os reduzir às unidades elementares e às leis gerais (Morin, 2007, p. 138). A partir disso, podemos perceber a importância do princípio da reintrodução do conhecimento, afinal todo conhecimento depende das condições,

possibilidades e limites de nosso entendimento, sendo isso um convite a pensar a complexidade.

A formação dos autores (3,10,6) possui um caráter interdisciplinar, na medida em que esses autores puderam ir além da área de sua primeira formação. Isso é um dado importante porque mostra a aspiração à multidimensionalidade, pois o contato com outras áreas do conhecimento implica na complexificação do objeto, bem como na sua recontextualização.

Essa complexificação implica também em questionamentos de cunho epistemológico e metodológico. O princípio dialógico aparece na medida em que o pesquisador assume racionalmente a inseparabilidade de noções contraditórias para conceber um mesmo fenômeno/objeto complexo.

### **Considerações Finais**

Os artigos pesquisados em bases de dados partiam de inquietações referentes às dicotomias presentes em suas áreas de conhecimento. Contemporaneamente, o pequeno grupo surge como um sistema complexo capaz de introduzir questões de cunho epistemológico que servirão como base, inclusive, para questionamentos de práticas e concepções teóricas que negam ou não consideram, por exemplo, a multidimensionalidade do ser humano dada a sua complexidade.

Daí, talvez, decorre a escolha em pesquisar utilizando-se os pequenos grupos, pois através deles é possível captar-se algo do local, mas também do global num exercício recursivo de ligar e religar saberes. A partir do sistema pequeno grupo, foi possível perceber, nos artigos pesquisados, o esforço realizado pelos autores, que embasados em autores da

Complexidade, buscavam conceber a unidade/multiplicidade do objeto em vez de heterogeneizar em categorias separadas ou de homogeneizar em indistinta totalidade.

Igualmente é possível perceber também o esforço por parte dos autores em reconhecerem os traços singulares, originais e históricos do fenômeno em estudo ao invés de ligá-los pura e simplesmente a determinações ou leis gerais.

### Referências

- Alves, M. C., & Seminotti, N. (2006). O pequeno grupo e o paradigma da complexidade em Edgar Morin. *Psicologia USP*, 17(2), 113-133.
- Baggio, M.A., Monticelli, M, & Erdmann, A.L. (2009). Cuidando de si, do outro e “do nós” na perspectiva da complexidade. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 62(4), 627-631.
- Barros, R. D. B. (2007). *Grupo: a afirmação de um simulacro*. Porto Alegre: UFRGS Editora.
- Bion, W. R. (1970). *Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*. Rio de Janeiro: Imago.
- Capra, F. (1996). *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix.
- Farr, R. M. (2002). *As raízes da psicologia social moderna: 1872-1954*. (5. ed). Petrópolis: Vozes.
- Freitas, H.M.B., Backes, D.S., Pereira, A.D., Ferreira, C.L.L., Souza, M.H.T., Marchiori, M.R,C,T. & Erdmann, A.L (2010). Compreendendo o ser familiar de criança com vírus da imunodeficiência Humana/ Síndrome da Imunodeficiência Adquirida pelo olhar da complexidade. *Acta Paulista de Enfermagem*, 23(5), 597-602.
- Guedes, C. R., Nogueira, M. I., & Camargo Jr, K. R. (2006). A subjetividade como anomalia: contribuições epistemológicas para a crítica do modelo biomédico. *Ciência & Saúde Coletiva*, 11(4),1093-1103.
- Hernandez, A., & Santos, T. C. B. (2011). Por uma psicologia do estranho: identidades fronteiriças, territórios marginais, vontade de poder. In: A. Tomanik & A.M.P. Caniato (Orgs.), *Psicologia social: desafios e ações* (pp.108-125). Maringá: Abrapso.
- Kaspary, M.C.,& Seminotti, N.A. (2010). Os processos grupais e a gestão de equipes no trabalho contemporâneo: compreensões a partir do pensamento complexo. *Rev Adm Mackenzie*, 13(2),15-43.

- Khun, T. (1989). *A estrutura das revoluções científicas*. Cidade: Editora
- Klock, P., & Erdmann, A. L. (2012). Cuidando do recém-nascido em UTIN: convivendo com a fragilidade do viver/sobreviver à luz da complexidade. *Revista da Escola de Enfermagem USP*, 46(1), 45-51.
- Krüger, H. (1986). *Introdução à psicologia social*. São Paulo: E.P.U.
- Lopes, M. L. M., & Fraccolli, L. A. (2008). Revisão sistemática da literatura e metassíntese qualitativa: considerações sobre sua aplicação em enfermagem. *Texto e Contexto Enfermagem*, 17(4), 771-778.
- Luft, J. (1968). *Introdução à dinâmica de grupos*. Santos: Martins Fontes.
- Maturana, H. R., & Varela, F. J. (2002). *De máquinas e seres vivos: autopoiese: a organização do vivo*. (3.ed). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Moigne J. L. L., & Morin, E. (2000). *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Fundação Petrópolis.
- Morin, E. (1996). *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2000). *Meus demônios*. São Paulo: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2002). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. (6.ed). São Paulo: Cortez.
- Morin, E. (2003). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. (8. ed). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2007a) *Ciência com Consciência*. (10.ed).Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Morin, E. (2007). *Introdução ao pensamento complexo*. (3.ed). Porto Alegre, RS: Sulina.
- Morin, E, & Prigogine, I (2000). I. *A sociedade em busca de valores*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Murakami, J.K., Filho, J.F.P., Filho, P.C.P.T., Acorinte, A.C., & Napoleão, A.A. (2007). Planejando, desenvolvendo e avaliando uma intervenção grupal junto a adolescentes: uma perspectiva sistêmica. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 9(3), 772-783.
- Pestana, A.L., Erdmann, A.L., & Sousa, F.F.G.M. (2012). Emergindo a complexidade do cuidado de enfermagem ao ser em morte encefálica. *Esc Anna Nerv*, 16(4), 734-740 doi: 10.1590/S1414-81452012000400013
- Pichon-Rivière, E. (1988). *O processo grupal*. (3. ed). São Paulo: Martins Fontes.
- Pires, M.R. (2009). Complexidade em saúde da Família e formação do futuro profissional de saúde. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, 13(30), 153-166.
- Pradebon, V.M., Erdmann, A.L., Leite, J.L., Lima, S.B.S., & Prochnow, A.G (2010). A teoria da complexidade no cotidiano da chefia em enfermagem. *Acta Paulista de Enfermagem* 24(1), 13-22.

- Prigogine, I. (1996). *O fim das certezas: tempo caos e as leis da natureza*. São Paulo: UNESP.
- Seminotti, N. (2000). La organización y dinámica del grupo psicológico: la multiplicidad/diversidad de organizadores del grupo. *Tese de Doutorado*, Universidad Antónoma de Madrid, Madrid.
- Severo, S.B., & Seminotti, N. (2007). O sujeito e a coletividade: um caminho transdialógico na saúde coletiva. *Psicologia USP*, 18(4), 53-78.
- Silva, A.L., & Freitas, M.G. (2010). O ensino do cuidar na Graduação em enfermagem sob a perspectiva da complexidade. *Revista da Escola de Enfermagem USP*, 44(3), 687-693.
- Zimerman, D. (2000). *Fundamentos básicos das grupoterapias*. (2.ed). Porto Alegre: Artmed.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a Antiguidade, de acordo com Grzybowski (2010), o pensamento científico foi bastante influenciado por uma visão linear de causa e efeito. No entanto, nas fases de transição e de revolução científica, segundo Lima (2006), encontramos muita insegurança quando a nossa reflexão epistemológica se torna mais avançada e sofisticada do que a nossa prática científica. Para o autor, ainda estamos tateando experimentalmente novas modalidades operatórias, informacionais e procedimentais mais complexas.

Dessa forma, quando nos propomos a pesquisar a partir de um paradigma que está em fase de transição sabemos que estamos no caminho do novo, no entanto não sabemos exatamente onde estamos. Segundo Morin (2010), a complexidade é um desafio para o conhecimento e não uma solução. Primordialmente, para esse autor, a complexidade é aquilo que não pode ser reduzido a uma descrição clara, simples, a uma lei simples.

Essa dissertação foi um desafio para nós na medida em que nos aventuramos a repensar a Psicologia Social e os pequenos grupos à luz da complexidade num movimento dialógico entre os paradigmas tradicional e emergente. Essa dissertação foi, então, composta por dois artigos que se complementam e fornecem subsídios que permitem tanto a ampliação do conhecimento sobre o Pensamento Complexo, a Psicologia Social e os pequenos grupos, quanto uma reflexão epistemológica acerca da construção do conhecimento.

O primeiro artigo apresenta algumas contribuições de diferentes áreas do conhecimento que foram importantes para o desenvolvimento do pensamento complexo, problematizando e compreendendo que consequências emergem para a Psicologia Social. A partir desse artigo, discutimos o que é a ciência e como a Psicologia Social surge como uma disciplina no cenário científico para que possamos compreender as contribuições do Pensamento Complexo para essa disciplina. O advento do Pensamento Complexo introduz um repensar tanto epistemológico quanto metodológico por parte da Psicologia Social,

questionando verdades instauradas e apontando a importância das implicações do pesquisador na e com a pesquisa.

Já o segundo artigo apresenta a partir de uma revisão integrativa que contribuições do pensamento complexo estão presentes nos artigos pesquisados, bem como suas reverberações na compreensão sobre os pequenos grupos. A busca dos artigos foi realizada em 12 bases de dados. Essa busca obteve como resultado 582 artigos dos quais 10 foram incluídos. Podemos perceber que os autores dos artigos fundamentam-se no pensamento complexo, pois reconhecem sua importância no que diz respeito ao conhecimento multidimensional no intuito da superação de algumas dicotomias que, historicamente, constroem seus campos de conhecimento, legitimando práticas.

Percebemos nos artigos que a complexidade incita reflexões e questionamentos acerca do objeto de estudo de cada um dos artigos. A partir dos pequenos grupos foi possível captar aspectos do local e do global que puderam ser discutidos a partir dos sete princípios norteadores propostos por Morin. Nesse sentido, há um esforço por parte dos autores em reconhecer os traços singulares e históricos do fenômeno em estudo ao invés de ligá-los a determinações e leis gerais, fruto da ciência moderna.

A Psicologia Social precisa dialogar com as outras ciências, contribuindo para a ampliação de espaços de diálogo que possibilitem o enfrentamento de problemas complexos. Por isso, esperamos que essa dissertação possa servir como um disparador para questionamentos e reflexões acerca do conhecimento científico nas mais diversas áreas, contribuindo para a elaboração de novos estudos.

## REFERÊNCIAS

- Grzybowski, C. T. (2010) Por uma teoria integradora para compreensão da realidade. *Psicologia em Estudo*, 15(2), 373-379.
- Lima, G. (2006). *Sociologia na complexidade*. Sociologias. Porto Alegre, 8 (15), 136-181.
- Morin, E. (2010). *Mi camino: la vida y la obra del padre del pensamiento complejo*. España: Gediza Editorial

**ANEXO**



Ofício 003/2013 – FCC

Porto Alegre, 28 de janeiro de 2013.

Senhor(a) Pesquisador(a)

A Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo intitulado **"As contribuições do pensamento complexo à psicologia social e aos pequenos grupos"**.

Sua investigação está autorizada a partir da presente data, sem a necessidade de passar pelo Comitê de Ética, devido a características específicas da pesquisa, explicitadas no parecer final.

Atenciosamente,

Profa. Dra. Marlene Neves Strey

Coordenadora da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia

Ilmo(a) Sr(a)

Orientador(a): Helena Beatriz Kochenborger Scarparo

Pesquisador(a): Luciara Gervasio Itaqi